

30

Francisco Cordeiro Alves

# A satisfação/insatisfação docente

Contributos para um estudo da  
satisfação/insatisfação dos professores efectivos  
do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário  
do distrito de Bragança

SÉRIE

*Estudos*

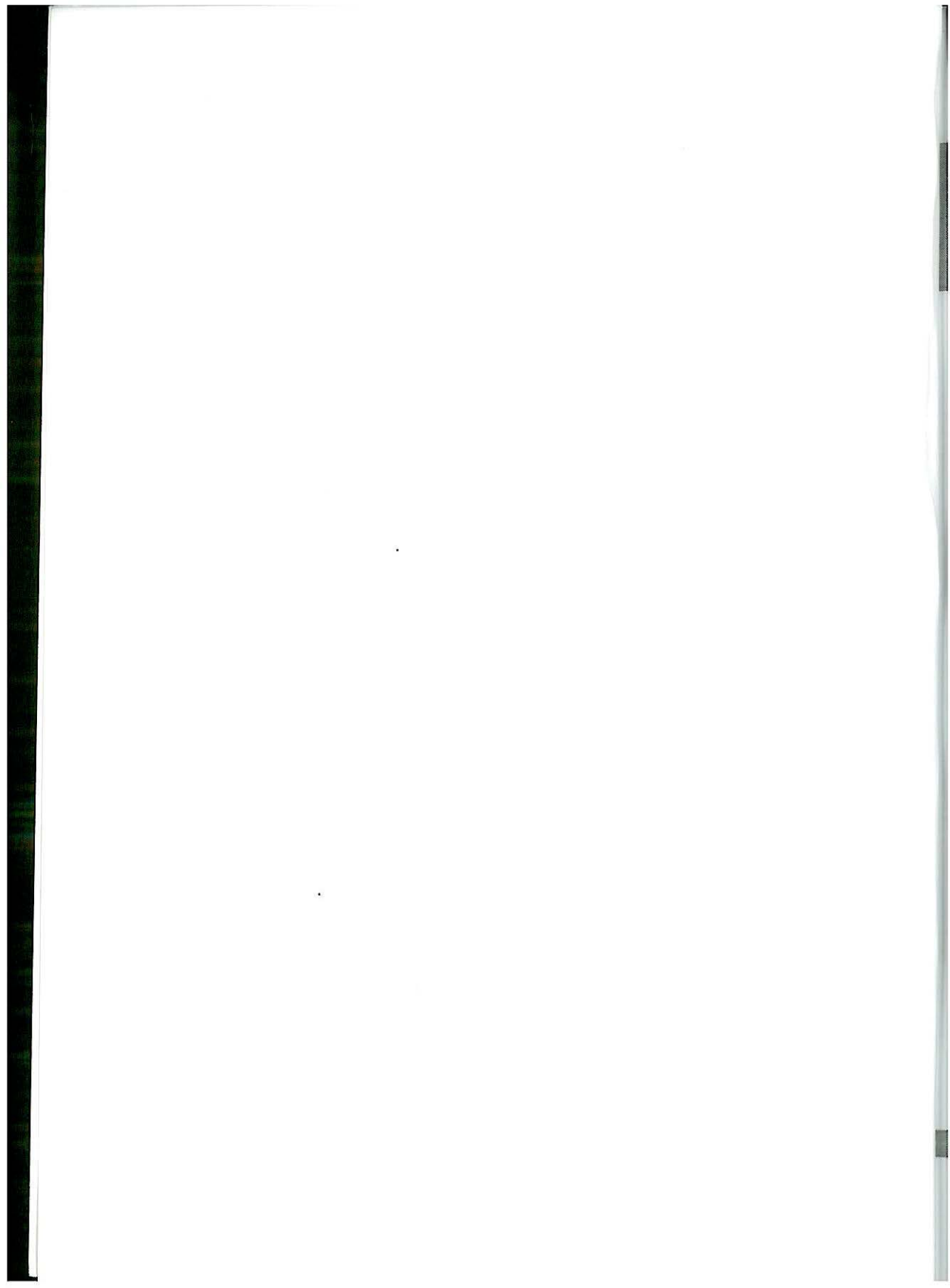
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

EDIÇÃO DO INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Francisco Cordeiro Alves

# A satisfação/insatisfação docente

Contributos para um estudo da  
satisfação/insatisfação dos professores efectivos  
do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário  
do distrito de Bragança



30

Francisco Cordeiro Alves

# A satisfação/insatisfação docente

Contributos para um estudo da  
satisfação/insatisfação dos professores efectivos  
do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário  
do distrito de Bragança

SÉRIE

*Estudos*

EDIÇÃO DO INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

F.S.A.  
SERVIÇOS DE  
DOCUMENTAÇÃO

---

Título: A satisfação/insatisfação docente – Contributos para um estudo da  
satisfação/insatisfação dos professores efectivos do 3º ciclo do  
ensino básico e do ensino secundário do distrito de Bragança

Autor: Francisco Cordeiro Alves

Edição: Instituto Superior Politécnico de Bragança • 1994

Apartado 38 • 5300 Bragança • Portugal

Telefs. (073) 331 976 • 331 570 • 331 611 • 331 623 • 331 659

Telefax (073) 25 405

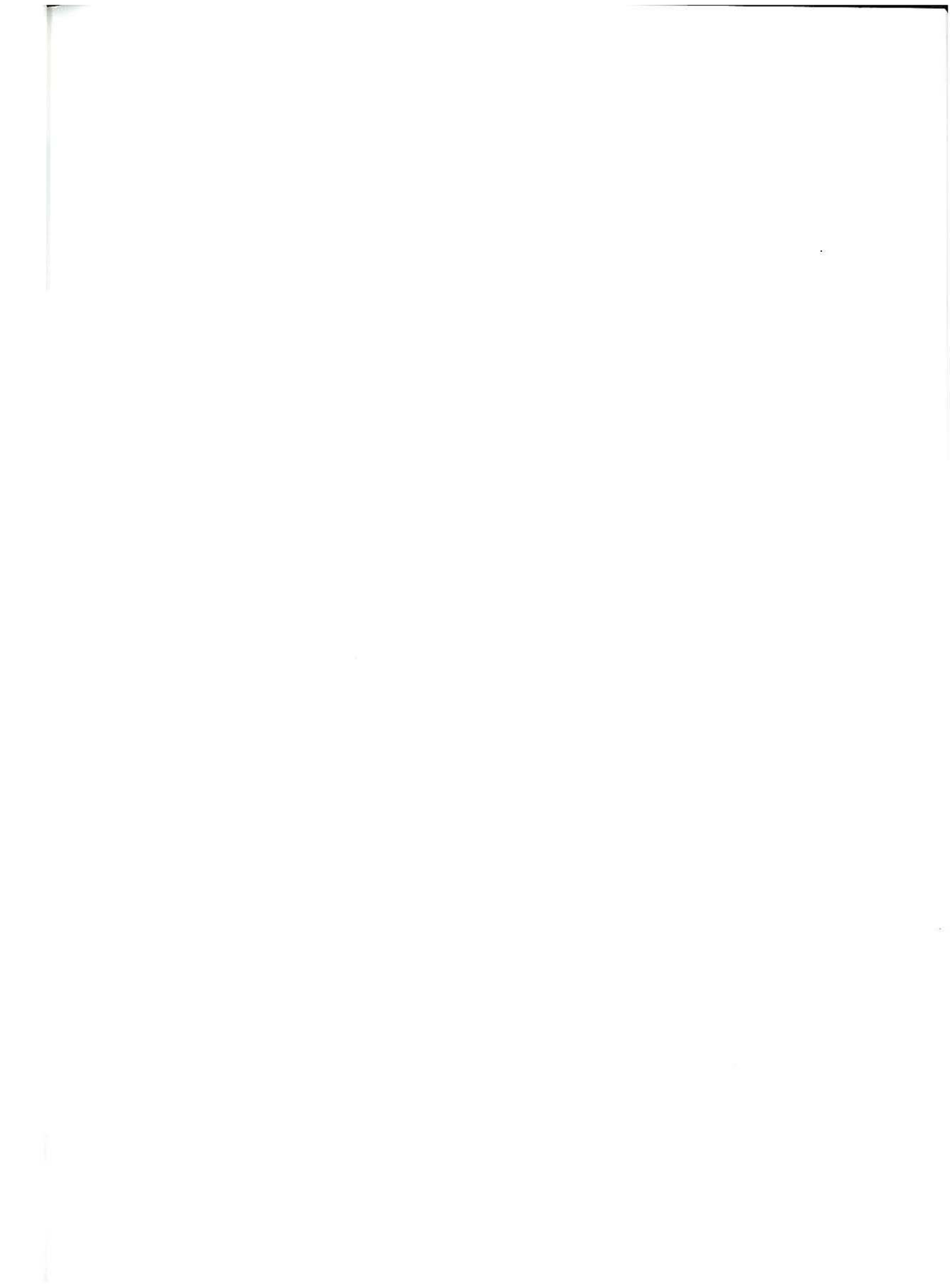
Execução: Serviços de Imagem do Instituto Superior Politécnico de  
Bragança

(grafismo e paginação, Atilano Suarez; montagem, Maria de Jesus;  
impressão, António Cruz, acabamento, Isaura Magalhães)

Tiragem: 500 exemplares

Depósito legal nº 73 255/93

---



# Índice

---

|  |    |
|--|----|
| Introdução                               | 13 |
| Traços Gerais de Uma Problemática        | 15 |
| Tema                                     | 15 |
| Estruturação                             | 15 |
| Noção de Satisfação/Insatisfação         | 16 |
| Factores de Satisfação/Insatisfação      | 16 |
| Económico                                | 16 |
| Institucional                            | 17 |
| Pedagógico                               | 17 |
| Relacional                               | 17 |
| Social                                   | 18 |
| Manifestações de Satisfação/Insatisfação | 19 |
| Fadiga-exaustão                          | 19 |
| Mal-estar                                | 20 |
| “Stress”                                 | 22 |
| Absentismo                               | 24 |
| Desejo de abandono-abandono              | 25 |

|  |    |
|--|----|
| Passos Metodológicos                   | 27 |
| Entrevistas                            | 27 |
| Pré-questionário                       | 28 |
| Análise da Consistência Interna        | 29 |
| Forma Definitiva do Questionário       | 30 |
| Análise e Interpretação dos Resultados | 30 |
| Considerações Finais                   | 39 |
| Bibliografia                           | 45 |
| Anexo                                  | 51 |

# A satisfação/insatisfação docente

Contributos para um estudo da satisfação/insatisfação dos professores efectivos do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário do distrito de Bragança

## Resumo

---

A Revisão de Literatura específica alertou-nos para um conjunto de factores determinantes da (in)satisfação docente, realidade acompanhada de uma diversidade de manifestações negativas, das quais, entre outras, sobressai o mal-estar dos professores.

Apoiados numa metodologia de sondagem de opinião por questionário, verificámos que os professores efectivos do distrito de Bragança (3º Ciclo e Secundário) assumem uma posição pessimista, quase generalizada, face à sua situação profissional, com incidência nas dimensões sócio-económico-institucional, sendo igualmente notório o seu empenhamento na redução da insatisfação pela proposta de mudanças educativas.

## Résumé

---

La Révision de la Littérature spécifique nous a ouvert les yeux sur un ensemble de facteurs déterminants de (in)satisfaction professorale, réalité accompagnée d'une diversité de manifestations négatives, desquelles, entre autres, se détache le malaise des professeurs.

En s'appuyant sur une méthodologie de sondage d'opinions par

questionnaire, nous constatons que les professeurs titulaires du département de Bragança (3e Cycle et Secondaire) assument une position pessimiste, presque généralisée, face à leur situation professionnelle, en insistant sur les dimensions socio-économique-institutionnelle, leur engagement à réduire l'insatisfaction, en proposant des changements éducatifs, étant également notoire.

## Abstract

---

The review of specific literature alerted us to the existence of factors which are decisive in the (dis)satisfaction of teachers. This fact was accompanied by a diversity of negative manifestations of which, among others, the unrest of teachers is preponderant.

Based on a methodology of an opinion poll by questionnaire, we verified that the tenured teachers of the District of Bragança (3rd Cycle and Secondary levels) take an almost generalized pessimistic stance toward their professional situation in the light of its social, economic and institutional dimensions. It is also more than evident that they are earnestly engaged in reducing this dissatisfaction by proposing changes within the education framework.



*Aos  
professores do 3º Ciclo do Ensino Básico e  
professores do Ensino Secundário do distrito de Bragança*

# Introdução

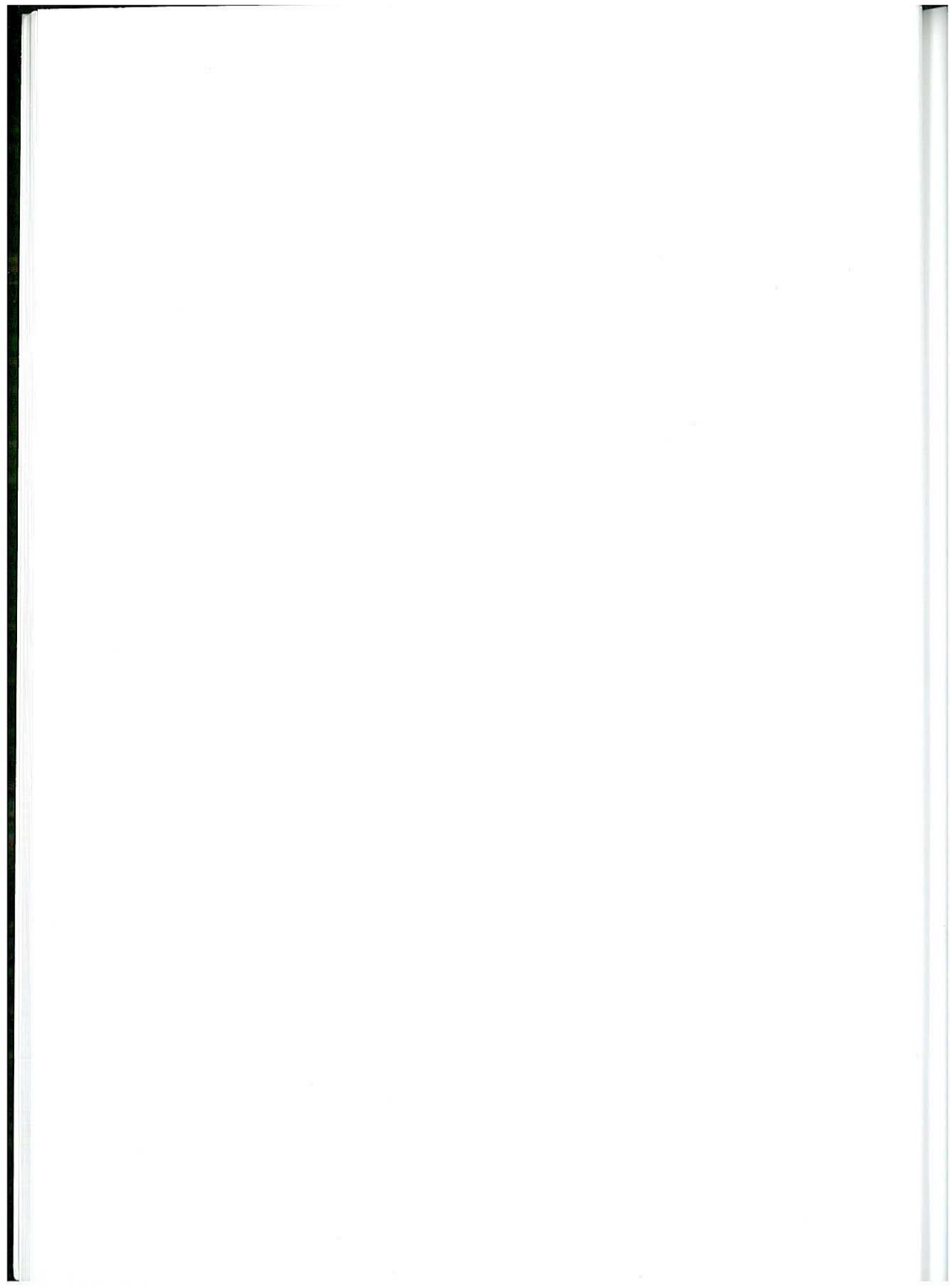
---

Com a preocupação de levar aos professores algo de construtivo, não só numa óptica profissional, como também numa perspectiva de um autêntico humanismo e desenvolvimento pessoal, resolvemos esboçar uma sucinta reflexão sobre a satisfação/insatisfação docente, alicerçada na panorâmica multifacetada da nossa tese de Mestrado.

Pensamos, desta forma, fazer chegar à população que estudámos (Professores Efectivos do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário do distrito de Bragança) o resultado do nosso estudo, satisfazendo, assim, a curiosidade, aliada a um tácito compromisso nosso, daqueles que connosco colaboraram e a quem, mais uma vez, tributamos o nosso reconhecimento.

Talvez possamos, de igual modo, provocar um momento de auto e heteroscopia profissional em outros possíveis docentes que percorram estas breves páginas, augurando-lhes, desde já, uma carreira cada vez mais próxima da satisfação plena, embora, pela própria natureza dialéctica do real educativo, as insatisfações não possam ser radicalmente diluídas.

Aproveitando a oportunidade da publicação, concedida pelo Instituto Politécnico de Bragança, a quem apresentamos os maiores agradecimentos na pessoa do seu Presidente Prof. Dr. Dionísio Gonçalves, queremos lembrar ao leitor anónimo que estas páginas convergem para uma máxima realista, por vezes dura de aceitar, mas que, efectivamente, não podemos deixar de considerar e assumir: “uma sociedade tem os professores que merece”.



# Traços gerais de uma problemática

---

Sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> **M. T. ESTRELA**, da Universidade de Lisboa, elaborámos um estudo que nos serviu de dissertação final de Mestrado, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação em Junho/91.

Seria inviável, numa obra desta índole, focar todos os passos e temáticas tratados naquele trabalho, pelo que nos cingiremos ao esboço de uma síntese daqueles que consideramos mais relevantes.

\*\*\*

O nosso **Tema** debruçou-se sobre a **Satisfação/Insatisfação docente**, especificamente voltado para a análise da vivência desse problema por parte dos Professores Efectivos do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário do distrito de **Bragança**, que, ao longo desta reflexão, e por comodidade de tratamento, serão designados por Professores Efectivos do Ensino Secundário.

**Estuturámos** o estudo em duas partes, a 1ª delas, de carácter teórico, com base em revisão de literatura específica e a 2ª, de carácter empírico, voltada para a auscultação do quotidiano pedagógico dos professores referidos.

No que respeita ao **tratamento teórico**, foi nosso objectivo prioritário indagar, na medida do possível, a literatura que incidisse mais fortemente sobre o período que abrange as décadas de 70 e 80 e, como objectivo consequente, destacar, quando impositiva, alguma problemática em que a

literatura se mostrasse particularmente incisiva.

\*\*\*

Assim, pelos **dados documentais** recolhidos, constatamos, em primeiro lugar, que uma **noção de satisfação** profissional docente é apresentada, pela generalidade dos especialistas, como um sentimento e forma de estar positivos dos professores perante a profissão, originados por factores contextuais e/ou pessoais e exteriorizados pela dedicação, defesa e mesmo felicidade perante a mesma. Quando tal sentimento e forma de estar dos professores perante a profissão não se verificam, mercê de factores de diversa índole, surgindo, por isso, manifestações de sentido contrário, então estamos em presença de **insatisfação**.

Sobressaem, e de forma bastante coincidente, as noções de satisfação profissional apresentadas por J. BLASE (1982, 107), DAVID CHAPMAN e M. LOWTHER (1982, 243), PAULA LESTER (1987, 224), que se referem, fundamentalmente, a um estado geral positivo e emocional associado a adequadas recompensas intrínsecas auferidas do trabalho com os alunos, ou associado aos diferentes papéis ocupacionais que os professores desempenham.

\*\*\*

Indagando os porquês desse fenómeno, a literatura consultada traça-nos um panorama bastante completo em relação às determinantes ou **factores** de Satisfação/Insatisfação, não deixando, contudo, de nos chamar a atenção para alguns dos seus pressupostos, nomeadamente o papel do professor e sua evolução, o recrutamento de novos professores, motivações para o ingresso, a interacção social da função docente.

A nível, propriamente, dos factores de satisfação/insatisfação, é dado grande relevo, sobretudo numa linha determinante de insatisfação, aos factores: *económico-institucional-pedagógico-relacional e social*. (Lembramos que a ordem mencionada dos factores referidos não representa uma sequência hierárquica, mas apenas o arrumar de tarefas de investigação. Na verdade, a maior ou menor força de cada um destes factores advém não tanto de uma actuação isolada, como da sua interligação com os demais).

\*\*\*

**Economicamente** falando, investigações várias (LIPSKY, 1982; BLASE e PAJAK, 1986; JACOBSON, 1988; BIDDLE, 1988) comprovam que os professores se sentem vivamente descontentes, residindo no factor económico uma das maiores fontes de insatisfação. Efectivamente, comenta JACOBSON (1988, 179), se os professores iniciam a sua carreira cheios de boa vontade para renunciar a altos salários, colocando em primeiro lugar as recompensas intrínsecas ao seu trabalho, quando essas expectativas são frustradas, os salários convertem-se numa fonte considerável de insatisfação profissional, que se manifesta frequentemente por altas percentagens de abandono. É, aliás, sobejamente comprovado o poder dissuasivo que os baixos salários exercem

sobre os indivíduos mais capacitados, que acabam por canalizar as suas inquietudes para outras profissões não só melhor remuneradas, mas também com maiores possibilidades de promoção e um mais elevado prestígio social (VILA, J. V., 1988, 79).

\*\*\*

**A nível institucional**, o professor sente a pressão do carácter centralizador-conservador, inerente à própria natureza da instituição, como nos refere GOUPIL (1986, 478). Neste domínio institucional, e numa perspectiva de profissionalismo docente, são elucidativas as observações de M. T. ESTRELA (1986, 305) relativamente à dissociação entre as orientações educativas de determinadas políticas e as condições materiais e institucionais da sua realização.

Alguém exclama, no mundo empresarial (não será o ensino uma empresa?), que uma crescente perda de esperança nos homens e nas instituições está gerando uma multidão crescente de frustrados, desiludidos, amargurados, engrossando o grupo dos vencidos da vida, em que a esperança, sendo a última a morrer, se aproxima cada vez mais do ponto zero (ALMEIDA, V. C., 1986, 10).

\*\*\*

No **âmbito pedagógico**, constata-se as autoridades na matéria que duas vertentes se podem considerar na sua relação com a satisfação/insatisfação dos professores. Por um lado, defronta-se o professor com os êxitos e fracassos do aluno, respectivamente geradores de satisfação e de insatisfação, e, por outro, vê-se o professor compelido a realizar a sua acção dentro de umas condições de trabalho, organizacionais e/ou materiais, que a maioria dos estudos rotula de deficientes ou pobres (GORTON, R., 1982; FRIESEN et al., 1984; DUNHAM, J., 1984; BRAGA da CRUZ, M., 1990).

\*\*\*

No tocante ao **factor relacional**, em que a interpersoalidade professor-aluno e professor-colegas adquire especial realce, os especialistas consideram que a relação professor-alunos nem sempre se caracterizou pela compreensão e empatia desejáveis, antes se registando um ambiente de atrito e confronto. Reconhece-se que o processo de ensino/aprendizagem é inconcebível sem o encontro empático, e mesmo osmótico, daquele que ensina e daquele que aprende, considerando-se, aliás, que cada um dos intervenientes é condicionado pelo que viveu no passado, pela sua sensibilidade própria e pela sua relativa adaptação cultural (GOBLE, N. et PORTER, J., 1977, 97-98). Enfim, as relações com os alunos representam um dos aspectos da profissão docente que maior satisfação pode dar aos professores, mas, por sua vez, constituem uma das mais ressonantes fontes de insatisfação (VILA, J. V., 1988, 147).

A interpersoalidade professor-aluno está, por outro lado, condicionada pela imagem ou representação do professor pelo aluno, bem como pela

imagem ou representação do aluno pelo professor. Neste domínio, como nos refere M. G. BIDARRA (1988), cada uma das representações está dependente de modelos que a sociedade impõe quer a uns, quer a outros. O aluno é visto, geralmente, por um prisma cognitivo e o professor quase sempre olhado como uma encarnação de um sistema autoritário, continuação e reforço da autoridade familiar, à qual o aluno, já antes da sua entrada na escola, se vinha ligando de forma submissa.

O fenómeno, porém, que maior perturbação incute nas relações professor-alunos é o comportamento destes, assunto tradicionalmente polémico no ensino. Desde J. DUNHAM (1981, 207) a L. G. CAIRNS (1988, 446), os comportamentos “disruptivos” (disruptive behaviour) ou indisciplinados têm sido considerados uma das maiores causas de insatisfação do professor. É de salientar, no domínio da indisciplina escolar, o forte contributo que M. T. ESTRELA, na sua obra - *Une Étude sur L'Indiscipline en Classe* - (1986), aportou à acção educativa, oferecendo-lhe uma excelente explicação e compreensão do aluno indisciplinado, que envereda pelo desvio como forma de se fazer ouvir e de mostrar que o seu estatuto de aluno é uma realidade a ser considerada na relação pedagógica.

No respeitante à relação professor-colegas, considera a literatura deste campo que muito há a fazer. É visível que os professores se enclausuram num individualismo negativamente influenciador da troca de experiências não só pedagógicas, mas também humanas. HAMON e ROTMAN (1984, 153), por ex., sublinham a falta de amizade e de espírito de grupo dos professores, o que virá a ser confirmado por PINEL e COHEN (1985, 20) ao evidenciarem a cultura e modo de vida individualizados dos professores: quer-se ser si próprio. Tem-se perdido o sentido de corpo na profissão docente, dando maior importância às vidas privadas, como atesta DELAIRE (1988, 30). Contudo, e no caso português, parece poder afirmar-se, com BRAGA da CRUZ (1990, 91-92), que “os professores são um corpo profissional de elevada coesão interna”, para o que contribui o “recíproco relacionamento entre colegas”, vivido intensamente por 67.7% dos professores, segundo o mesmo autor.

\*\*\*

Quanto ao **factor social**, os professores sentem-se particularmente insatisfeitos por duas ponderáveis razões: um baixo estatuto social conferido à sua profissão e uma imagem ou representação social minimizante e/ou preconceituosa. Na verdade, para FARBER (1984, 328), após uma sondagem de opinião a 398 professores, constata-se que 79% deles nunca ou raramente se sentiram satisfeitos com a posição do professor na sociedade actual e que somente 6.2% se sentiram frequentemente satisfeitos com a opinião social sobre a classe.

Por outro lado, a sua ascensão profissional, para além de um baixo estatuto, é praticamente nula, deparando os professores com o frequente fenómeno de se verem vertiginosamente ultrapassados por aqueles que, há pouco, foram seus alunos (VILA, J. V., 1988, 140).

Porquê esta perda de prestígio? Segundo a OCDE (1989, 52-54), tal explicação residiria em três grandes vectores: o elevado número de professores, o nível de qualificação, que nunca foi muito elevado, e a feminização crescente e predominante na profissão.

No que toca à imagem ou representação social do professor, é hoje largamente expresso, pelos estudiosos desta temática, que o professor é visto não como ele é, mas segundo os valores, noções e regras da sociedade em que se integra. O seu autêntico ser e valor vêm-se confrontados e desfasados do ser e valor que, sob múltiplas formas, lhe são atribuídos. Hoje, no dizer de P. JOSEPH e N. GREEN (1986, 31), “ser professor já não é percebido como uma carreira respeitável”.

Em Portugal, segundo BRAGA da CRUZ (1990, 132-133), a imagem mais negativa do professor prevalece em camadas de população mais desprotegidas. Por sua vez, a imagem que os professores têm de si mesmos é mais favorável que a imagem que deles tem a opinião pública. Ora essa discrepância poderá estar na base de dificuldades tantas vezes encontradas no relacionamento quotidiano entre professores e os outros intervenientes da acção educativa, nomeadamente os pais dos alunos.

\*\*\*

Para além de uma visão sumária dos factores de satisfação/insatisfação, referir-nos-emos à diversidade das suas **Manifestações**, cujo tratamento, dada a natureza desta publicação, nos propomos abreviar.

Diremos que a literatura considera, com certa relevância, algumas manifestações de insatisfação, tais como: - a *fadiga-exaustão ou desgaste docente*; o *mal-estar*; o *“stress”*; o *absentismo*; o *desejo de abandono-abandono*.

\*\*\*

Diz-nos GOUPIL (1985, 486) que o tema da **fadiga-exaustão** era praticamente desconhecido, há alguns anos, e que, actualmente, é com frequência alvo de estudos, pois ultimamente tem-se assistido a uma forte mudança no clima de trabalho da escola.

Com o passar dos anos, o professor vai acusando os efeitos negativos desse clima de trabalho, sejam eles provenientes do seu contacto directo com os alunos, com os colegas, com os órgãos de gestão, com os pais dos alunos, etc., sejam eles derivados das exigências quotidianas das suas tarefas educativas, como planificar, executar, avaliar. Enfim, o tempo vai imprimindo no professor um visível desgaste, físico e psíquico, o professor vai ficando “queimado” (“burned-out” ou simplesmente “burnout”, termo particularmente realçado pela literatura americana). Segundo ANDERSON e IWANICKI (1984, 110), um professor “queimado” percepcionar-se-á pelo seu estado de exaustão, pelas suas atitudes e sentimentos cínicos para com os estudantes e pela tendência a uma auto-avaliação negativa, sobretudo em relação ao seu trabalho com os alunos. Na verdade, o desgaste, a “queima” (“burnout”) “é

sobretudo um sentimento de debilidade, de perda de auto-controle, de abatimento e de desamparo (HALPIN, G. et al., 1985, 139). E acrescentam os mesmos autores que o sentimento de se sentir “queimado” consiste num estado de fadiga ou frustração causada pela “dedicação a uma causa, a uma forma de vida ou relacionamento que deixou de produzir as recompensas esperadas” (HALPIN, G. et al., 1985, 139).

Num professor acusando desgaste, esvaimento, toda a sua actividade profissional se converte num contínuo processo de empobrecimento físico (esgotamento e fadiga) e psicológico-emocional (falta de esperança e felicidade, auto-conceito negativo, atitudes negativas para com o trabalho, a vida, as pessoas). Com muito sentido de ajustamento ao real educativo, M. A. GUERRA (1983, 105) apelidou este processo de “erosão docente”, que viria a definir como o “desgaste que sofre el educador en ejercicio de su función a lo largo del tiempo. Desgaste de ilusiones, de esperanzas y de compromiso”.

Para esse mesmo autor, as causas desta “erosão” situar-se-iam nos terrenos *sociológico, psicológico e filosófico*, tendo este último como tela de fundo uma nova filosofia de vida e de homem e a incerteza dos fins (GUERRA, M. A., 1983, 106-114). De forma semelhante, FARBER (1984, 325-362) refere-se aos factores *contextuais e pessoais* do desgaste docente, dando relevo as determinantes *predispocionais*, pois os professores que são “obsessivos, apaixonados, idealistas (...) são mais propensos ao ‘síndrome dos professores abatidos’”. E outro aspecto importante, dentro das razões da exaustão docente, é aquele que foi analisado por T. C. McINTYRE (1984, 236) no seu estudo sobre 684 professores de educação especial, ao procurar estabelecer uma relação entre a atribuição causal (sede de decisões) e o desgaste docente. Quando a atribuição causal é interna (as decisões são tomadas pelo próprio indivíduo), o desgaste, a “queima” do sujeito é menor do que numa atribuição causal externa (o indivíduo obedece às orientações ou ordens de alguém ou algo exterior a ele). Na verdade, a obediência às decisões exteriores é, frequentemente, uma determinante não só de servilismo, como de desgaste quer físico, quer psicológico.

E seria ocasião de reflectir sobre as consequências derivadas do desgaste docente. Diremos que os professores, nessas condições, “se tornam emocionalmente isolados do seu trabalho e finalmente conduzidos ao abandono total da sua profissão” (CAPEL, S. A., 1987, 279). Por sua vez, corre-se um grande risco nas escolas: o contágio de outros professores, como notam, entre outros, SEIDMAN e ZAGER (1987, 27).

\*\*\*

Problema ultimamente constituído em matéria de estudo de diversas investigações educacionais, perspectivadas fundamentalmente numa dimensão psicopedagógica, é o do tão propalado “**mal-estar docente**”. Num sentido lato, o mal-estar docente podemos considerá-lo como o reflexo de uma crise de ensino, por sua vez expressão de uma crise sócio-industrial ocidental. Enfim, uma “crise de ideologia, crise de instituição, crise de poder”, segundo BEIL-



LEROT (1977, 41).

Já num sentido restrito, e em estudo que, significativamente, apresenta como título *-El Malestar Docente-*, J. M. ESTEVE (1989, 16) refere-nos que o tópico “malestar docente” se vem utilizando para descrever os efeitos permanentes de carácter negativo que afectam a personalidade do professor em virtude das condições psicológico-sociais em que exerce a sua profissão. E, explicitando o seu pensamento, o mesmo autor observa que o mal-estar é uma doença social produzida pela falta de apoio aos professores por parte da sociedade, tanto no campo dos objectivos de ensino, como no das retribuições materiais e no reconhecimento de estatuto que se lhes atribui (ESTEVE, J. M., 1989, 129). O mal-estar docente é comparado à situação de corredores de Fórmula 1, para quem, subitamente, a sinalização da estrada se tornasse incompreensível, ou à situação de actores intervenientes numa representação clássica, cujo cenário fosse mudado para motivos do Pato Donald. Quais as reacções dos pilotos ou dos actores (ESTEVE, J. M. et FRACCHIA, A. F. B., 1988, 49)? A presente e expressiva metáfora leva-nos à consideração de *factores contextuais*, para lá de *factores pessoais* do mal-estar. Isto é, os professores não poderão desinsinserir-se do meio social em que a sua função se exerce, como também não devem subestimar a sua preparação para “ler” e interpretar as mudanças operadas no mesmo, caso queiram escapar ao mal-estar profissional.

E, falando de possíveis causas próximas do mal-estar, podemos interrogar-nos se o mesmo provém dos indivíduos que ensinam, doentes à força de ensinar, das próprias instituições, a quem falta flexibilidade e espírito inovador, ou de toda a sociedade, aquela precisamente que envia os seus filhos à escola (AMIEL, R., 1984, 45). Eis-nos, efectivamente, perante uma questão triangular — *indivíduo, instituição, sociedade* —, que, em ordem à génese do mal-estar, mais parece ser compreendida pela recíproca e complementar influência dos seus elementos do que pela acção isolada de cada um deles. É, aliás, dentro deste triângulo que se movem, globalmente falando, os estudiosos da etiologia do mal-estar, salientando ora um, ora outro dos vértices, ou mesmo os três.

Considerado como uma “doença comunicativa” (BEILLEROT, 1977, 40), podemos avançar a hipótese de que a não consideração do professor enquanto pessoa é a causa primeira, essencial do mal-estar (BREUSE, E., 1984, 145). Procurando uma sistematização dos factores de mal-estar, poderemos, na opinião de J. M. ESTEVE (1989, 19-51), apresentá-los segundo uma dupla dimensão:

– *factores de 2ª ordem* ou contextuais, como: transformação do papel do professor e dos agentes tradicionais de socialização, contestação da função docente, modificação do apoio de contexto social, redefinição dos objectivos de ensino e o avanço do saber, imagem social do professor;

– *factores de 1ª ordem* ou de incidência directa sobre a acção do professor, a saber: recursos materiais e condições de trabalho, violência nas

instituições escolares, “esgotamento” docente pela acumulação de exigências.

São estas duas ordens de factores de mal-estar docente, posteriormente designadas por “factores de contexto” e “factores internos à classe”, muito semelhantes à globalidade de factores determinantes da insatisfação, por cuja analogia, e mesmo genérica coincidência, se têm aproximado os dois conceitos.

Que sinais ou efeitos apresenta o mal-estar, perguntar-nos-emos? A esta questão foram dadas variadas respostas em inúmeros estudos. Assim, reflexos do mal-estar seriam as repetidas licenças por doença, aumento dos pedidos de aposentação, solicitação de exercício a meio-tempo e rejeição da profissão (COUTY, M., 1981, 18), doenças nervosas (BREUSE et al., 1981, 11) e pedidos de mudança de escola (AMIEL, R., 1984, 44). É também frequente uma inibição do professor frente ao seu trabalho e o recurso a um estilo docente mais rígido e distante, em que a relação se reduz ao âmbito estrito dos conteúdos, evitando-se o diálogo e a crítica (VILA, J. V., 1988, 183).

O problema do mal-estar docente tem chamado a atenção da sociedade em geral, têm-se feito mesmo algumas tentativas para contrariar os seus efeitos negativos. Mas as verdadeiras estratégias para evitar o mal-estar dos professores residiriam num ajustamento dos processos de formação à realidade docente (ESTEVE, J. M., 1989, 103-131), bem como num autêntico e fático apoio e reconhecimento sociais do seu trabalho, em função de um crescimento equilibrado dos alunos (ESTEVE, J. M. et FRACCHIA, A. F. B., 1988, 52-54).

\*\*\*

Para uma aproximação ao conceito de “**stress**” docente, é pertinente que indagemos o sentido original do termo “stress”, sentido esse identificável com uma clara dimensão biológica. Com efeito, o termo “stress” é utilizado, pela primeira vez, pelo húngaro HANS SELYE, no seu trabalho - *A Syndrome Produced by deverse nocuous Agents* - (ESTEVE, J. M., 1989, 133-134), definindo-o como uma resposta não específica do corpo a qualquer estimulação, equivalente a um processo de adaptação que desenvolve uma reacção a um estímulo (chamado stressor) e se manifesta através de mudanças nos níveis de hormonas e no tamanho de muitos órgãos (TACHÉ, J., SELYE, HANS et al., 1979, 2).

Esta dimensão biológica do “stress” tem sido mencionada e assumida em vários trabalhos da especialidade (POLAINO-LORENTE, 1982, 18; FRAGA, B. et al., 1983, 25; GOUPIL, G. et al., 1985, 478).

Porém, o conceito de “stress”, na sua dimensão biológica original, tem sido limado em ordem a uma maior precisão. Assim, J. DUNHAM (1984, 3) refere que a sua definição de “stress” se traduz num processo de reacções comportamentais, emocionais, mentais ou físicas causadas por prolongadas, crescentes ou novas pressões significativamente maiores que os recursos de defesa.

Para lá de uma implicação parcial do indivíduo, identificada com a dimensão biológica, o conceito de stress implicará a pessoa total, como pensa D. MEICHENBAUM (1983, 3): “stress is a particular dynamic relationship (constantly and bidirectional) between the person and the environment as they act on each other”.

Aplicada ao mundo docente, destaca-se a definição de stress apresentada por CH. KYRIACCOU (1987, 146), identificado aquele como a experiência, vivida por um professor, de emoções desagradáveis, tais como a tensão, frustração, ansiedade, cólera e depressão, resultantes de aspectos do seu trabalho docente. E, procurando uma maior precisão para o conceito de “stress” docente, J. GORRIELL et al. (1985, 11) distinguiram duas principais categorias: o *stress estrutural*, proveniente das influências negativas das estruturas institucional e administrativa; e o *stress conflito*, que proviria dos obstáculos à realização das responsabilidades pessoais.

É presumível, por outro lado, que o stress docente não se revista de uma uniformidade ou igual intensidade ao longo do ano escolar. Chamando a atenção para este aspecto do stress, HEMBLING e GILLIAND (1981, 327) verificaram, no seu estudo sobre 320 professores dos ensinos elementar e secundário, no distrito escolar de Kamloops, a existência de um ciclo de stress manifestativo de uma maior intensidade de stress no início e fim do ano lectivo, bem como nos finais dos períodos escolares.

Numa tentativa de sistematização, e fazendo um percurso por diversos investigadores do stress docente, procederam GOUPIL et al. (1985, 480) a um levantamento dos seus principais factores, subdividindo-os em *externos*: comportamento dos alunos, relações interpessoais, mobilidade no trabalho, e *internos*: ligados à pessoa - as expectativas, as atitudes, o conceito de si, frequentemente associados às condições de trabalho. De forma semelhante, G. FAVRETTO (1985, 109), prestando atenção às razões internas e externas do stress, inclui nas primeiras o facto de os professores “viverem ansiosamente a responsabilidade da aula quer didáctica, quer educativamente” e viverem a actual condição de trabalho com sensação de isolamento”; nas segundas, menciona os “graves conflitos de papéis” e as “relações com os alunos e com o contexto social”. A natural ansiedade dos professores pela “queda de recrutamento, bloqueio de promoção e avaliação da sua competência”, por um lado, e a sujeição “à crescente diversidade de papéis, à necessidade de adaptação ao estudo de ensino, à leccionação de novos conteúdos e à cedência de parte da autonomia sempre desejada”, por outro, constituem a dupla fonte do stress docente para J. M. ESTEVE e A. F. B. FRACCHIA (1986, 261).

Se considerarmos a vertente dos efeitos do stress, “os problemas causados pelo stress sobre os professores são *reais, predominantes e potencialmente perigosos* para a sua vida e a dos alunos” (COATES and THORNTON, 1976, 176). Fazendo um levantamento da literatura específica sobre esta questão, K. HARRIS et al. (1985, 346) encontraram pontos comuns, que

nos levam a opinar que o stress docente pode afectar a escola enquanto organização, a “performance” do professor, o bem-estar físico e emocional do professor e da sua família. E, se se tratar de um stress elevado, pode provocar a frustração, a agressão, a ansiedade, comportamentos de fuga, elevado absentismo e/ou decréscimo nos níveis de “performances” dos professores e dos alunos.

Em relação à **redução** do stress, R. GORTON (1982, 1906) procurou compilar diversas opiniões, salientando que os professores precisam de se tornar mais conscientes dos sintomas e causas do stress, de estabelecer objectivos e expectativas realistas para si e seus alunos, de tentar desenvolver uma interacção mais aberta e cooperante com superiores e colegas. Tendo em conta algumas técnicas de redução do stress, entre as quais se destaca a técnica **SIT** (Stress Inoculation Training), apresentada por D. MEICHENBAUM (1985) aplicada a vários domínios, entre os quais o docente, a regra de ouro para mitigar o stress inerente ao ensino, importantíssima para os professores, consiste em “to understand the dynamics of their own temperament as it is for them, to understand the psychology of learning” (ALBERTSON and KAGAN, 1987, 74).

\*\*\*

Definido o **absentismo** como a “ausência dos trabalhadores ao trabalho naquelas ocasiões em que seria de esperar a sua presença e por razões de ordem médica ou quaisquer outras” (ALMEIDA, V. C., 1985, 8), ele é, no campo educativo, admitido, geralmente, como uma manifestação da insatisfação dos professores. Porém, outros factores, de carácter restrito, presidem a esta manifestação comportamental. Assim, sob o ponto de vista do aluno, as razões por que os professores faltam seriam de diversa índole: falta de vinculação do professor à escola (mudança frequente de escola), o professor considerar a escola pouco “afectiva”, a falta do sentido de responsabilidade necessário à profissão por parte de muitos professores, o “arrivismo” à profissão docente, os ordenados baixos — convite a um recurso a outros empregos ou expedientes (BREDERODE SANTOS, M. E., 1985, 85-86).

O fenómeno do absentismo, sob a sua forma de curtos ou longos períodos de ausência ao trabalho, sem ou com atestado médico, respectivamente, é contagioso: “c’est le problème du ‘pourquoi lui et pas moi’” (AMIEL, R., 1988, 123-124), contágio esse radicado num sentimento de injustiça social. Mas, por outro lado, é visto como “uma forma de buscar um alívio que permita ao professor escapar momentaneamente às tensões acumuladas no seu trabalho” (ESTEVE, J. M., 1989, 54 )

Em Portugal, considerando-se o absentismo dos professores “normal”, “porque dentro das duas faltas/mês permitidas até há pouco por lei”, constata-se que é um “fenómeno muito mais do ensino pós-primário (53.2 % no Preparatório, 55.1% no Unificado e 52.6 % no Secundário) do que do ensino primário (17.1 %) ou pré-primário (17.6 %), e atinge sobretudo os professores de idades compreendidas entre os 26 e os 35 anos (49.5 %), muito mais os

homens do que as mulheres (51.9 v. 33.2%) e muito mais os professores do ensino oficial do que os do privado (41.2% v. 16.3%)” (BRAGA da CRUZ, M., 1990, 90).

Em suma, considerado como a expressão de uma insatisfação ou a tradução de uma multiplicidade de factores profissionais e pessoais, o absentismo docente, mais ou menos agudizado segundo uma periodicidade escolar ou segundo o nível de ensino, é um facto. Para alguns, é mesmo o prólogo de um capítulo último da vida profissional: o abandono. Na verdade, “o absentismo tem como última opção um gesto de sinceridade: o abandono real da profissão docente” (ESTEVE, J. M., 1989, 61).

\*\*\*

Assistimos em Portugal, no momento presente, ao preocupante problema do **desejo de abandono-abandono**, de que nos dão conta as seguintes observações do “Relatório BRAGA da CRUZ”:

—“É generalizado e percentualmente expressivo o desejo de abandonar a profissão docente. De facto, mais de 35% dos professores entrevistados declararam que, se tivessem oportunidade, deixariam de ser professores” (BRAGA da CRUZ, M., 1990, 70).

Se se procurarem as razões desse desejo, bem como as da sua não concretização, deparar-nos-emos com aspectos concretos da vida docente:

—“A remuneração” (32.6 %), a “degradação da carreira” (21.7%) e “a falta de estímulo” (19.8%), entre as razões principais do desejo de abandono e a “dificuldade em arranjar emprego” (39.4%), a “idade” (“é tarde para começar de novo”) e a “segurança do salário (e do emprego)”, entre as razões condicionantes da sua não concretização (BRAGA da CRUZ, M., 1990, 74-75).

No fundo, segundo PH. COHEN (1984, 11), assistimos a um abandono provocado por factores pessoais, como o sentimento de solidão, contrariado, é certo, pelo factor idade, mas abandono esse que traduz, por sua vez, o desencanto profissional. Para B. FARBER (1984, 325), o peso do *stress* e do *esgotamento* é tal, que “thousands of sensitive, thoughtful and dedicated teachers are abandoning the profession”. E o mesmo B. FARBER (ibidem) informa-nos que nos EE UU 10% dos professores deixam todos os anos o ensino e que, de facto, somente 59% dos professores permanecem mais de quatro anos a ensinar.

Num estudo que teve por amostra 291 professores do ensino secundário, com 5-15 anos de experiência de ensino, verificou-se que, no Estado de Connecticut, as razões mais importantes para pensar em abandonar o ensino residiriam, para além do “salário” - 76% e das “fracas oportunidades de promoção” — 45%, no “demasiado trabalho a fazer ou no pouco tempo para o realizar” (LITT, M. and TURK, D.C., 1985, 184). É, possivelmente, essa sobrecarga profissional que tem originado uma nova e interessante faceta do abandono docente, legalmente camuflado, que reside na declaração médica de

*incapacidade*, junto de professores de 50 ou mais anos de idade, fenómeno característico na Holanda e nos EE UU. Na verdade, afirma LEO PRICK (1986, 17), entre os professores de ambos os sexos encontramos uma relativamente alta percentagem ( $x=63\%$ ) de pessoas declaradas medicamente incapazes entre os mais velhos (50 ou mais anos de idade).

Com base numa amostra de 1602 professores, telefonicamente entrevistados, os autores de *The American Teacher - 1986* sustentam que “55% dos professores americanos consideram seriamente alguma vez deixar o ensino para ir para outras profissões (...) admitindo como possível razão o facto de a satisfação profissional ter declinado entre os professores” (HARRIS, L. et al., 1986, 4).

Que deverá ser feito para reter os professores? À boa maneira americana, “by more 80%, teachers (...) agree that providing decent salaries is essential to (...) retaining good teachers” (HARRIS, L. et al., 1986, 4). No nosso contexto português, porém, resta-nos perguntar: será que, unicamente com a melhoria salarial, se repõe o prestígio, o reconhecimento, o verdadeiro estatuto sócio-profissional dos professores? Não subestimando, antes propugnando pela melhoria salarial como razão de fixação e dedicação docentes, longe de nós considerá-la, cegamente, como o incentivo exclusivo ou mesmo mais importante para a permanência na docência, pois outros valores pessoais, sociais e relacionais se impõem à opção dos professores.

## Passos Metodológicos

---

Depois deste percurso pelo tratamento teórico da problemática da satisfação/insatisfação, fundamentalmente confinado a uma sucinta análise dos seus factores e manifestações, eis-nos chegados à 2ª parte, aquela precisamente que nos põe em contacto com o quotidiano pedagógico: *o que opinam os Professores Efectivos do Ensino Secundário do distrito de Bragança*, distrito, aliás, com características sócio-económico-culturais específicas ?

Foi nosso objectivo preferencial, nesta investigação de campo, estabelecer um quadro interpretativo das opiniões dos respondentes, acerca da satisfação/insatisfação docente, baseado na objectividade dos dados obtidos. Para tal, estabelecemos uma metodologia que nos conduziu à construção de um instrumento de pesquisa adequado aos nossos propósitos, concretamente um Questionário de Opinião.

Assim, numa primeira fase, recorremos à recolha de opiniões através de **Entrevistas** (10), a partir de cuja análise de conteúdo obtivemos uma categorização que nos manifestou uma primeira e significativa preponderância de um discurso desfavorável em relação ao discurso favorável (294 v. 94 em frequência de Unidades de Registo e 231 v. 66 em frequência de Unidades de Enumeração), como podemos depreender do presente **Quadro Sinóptico** (vd. pág. seg.).

A partir dos indicadores de tal categorização, bem como de alguns

### Quadro Sinóptico: Discurso e Frequência de Categorias

| DISCURSO   | Favorável<br>(De Sentido Positivo)         |   | Desfavorável<br>(De Sentido Negativo)      |   | Total<br>Freq. |             | Diferença de Freq. entre<br>Disc. Fav. e Disc. Desfav. |             |
|--|--|---|--|---|----------------|-------------|--|-------------|
|  | Frequência de<br>Unidades de<br>Enumeração | Frequência de<br>Unidades de<br>Registo | Frequência de<br>Unidades de<br>Enumeração | Frequência de<br>Unidades de<br>Registo | Un.<br>En.     | Un.<br>Reg. | Un.<br>En.   | Un.<br>Reg. |
| CATEGORIA  |  |   |  |   |                |             |  |             |
| 1.Percepção da posição geral dos profs perante a profissão | 6  | 9                                       | -18  | -23                                     | 24             | 32          | -12  | -14         |
| 2.Percepção pessoal da profissão docente.                  | 30   | 40                                      | -8   | -8                                      | 38             | 48          | 22   | 32          |
| 3.Manifestações de Satisf/Insatisfação.                    | 0  | 0                                       | -44  | -59                                     | 44             | 59          | -44  | -59         |
| 4.Factor económico.  | 0  | 0                                       | -30  | -37                                     | 30             | 37          | -30  | -37         |
| 5.Factor social.   | 10   | 12                                      | -52  | -65                                     | 62             | 77          | -42  | -53         |
| 6.Factor institucional.                                    | 0  | 0                                       | -39  | -45                                     | 39             | 45          | -39  | -45         |
| 7.Factor pedagógico.                                       | 20   | 33                                      | -40  | -57                                     | 60             | 90          | -20  | -24         |
|  | =66  | =94                                     | =-231                                      | =-294                                   | =297           | =388        | =-165  | =-200       |
| 8.Medidas de superação da Insatisfação docente.            | 54   | 87                                      | 0  | 0                                       | 54             | 87          | 54   | 87          |

dados relevantes da literatura, elaborámos um **Pré-questionário** subordinado ao tema – A Satisfação/Insatisfação Docente –. Compunha-se este Pré-questionário de 75 ítems, estruturados segundo o modelo da Escala de Likert, e distribuídos, aleatoriamente, por 10 Dimensões, que julgamos conveniente referir:

- Percepção pessoal da satisfação/insatisfação profissional
- Manifestações de satisfação/insatisfação
- Factor económico
- Factor social
- Factor relacional - Colegas
- Factor relacional - Alunos
- Factor pedagógico: sucesso/insucesso escolar
- Factor pedagógico: condições de trabalho
- Factor institucional
- Medidas de fundo propostas para a redução da insatisfação.

Foi este Pré-questionário distribuído, presencialmente, a 30 professores, seleccionados aleatoriamente de uma população total de 291 Professores

Efectivos do Quadro de Nomeação Definitiva, devendo responder a cada um dos ítems com uma das cinco alternativas:

- Discordo Absolutamente ( **D A** )
- Discordo ( **D** )
- nem Concordo nem Discordo ( **nC nD** )
- Concordo ( **C** )
- Concordo Absolutamente ( **C A** )

Recolhidos os dados, submetemos o Pré-questionário a uma **Análise da Consistência Interna**, seguindo os processos tradicionalmente utilizados. Assim, adoptámos como método de análise a determinação do coeficiente de correlação (linear) de Pearson ( **r** ), significativo ao n. s. 0.05, admitindo o seu valor crítico de .307 para 28 g. l. (= N-2), de acordo com a “Table III -Critical Values of the Pearson Product - Moment Correlation Coefficient” (TUCKMAN, B., 1978, 444). Desta forma, se o  $r \geq .307$ , o ítem em análise será de aceitar; se o  $r < .307$ , o ítem será de rejeitar.

Tendo o presente requisito em consideração, calculámos a correlação **ítem / Questionário**, bem como a correlação **ítem / Questionário dissociado da Dimensão A III.1**, e, como contraprova, calculámos a correlação **ítems par / ítems ímpar** do Questionário. Para uma análise mais fina, relativa a cada uma das 10 Dimensões contempladas no Questionário, calculámos ainda a correlação **ítem / Dimensão**.

Resta-nos dizer que para a elaboração da forma definitiva do Questionário adoptámos a correlação **ítem / Questionário dissociado da Dimensão A III 1**, a cujos dados viemos adicionar os da correlação **ítem / Dimensão A III 1**, dadas as características específicas dessa Dimensão temática (Medidas para Redução da Insatisfação), em que os respondentes expressaram, sistematicamente, opiniões de sentido altamente favorável, traduzidas por fortes correlações (altos valores de  $r$ ).

A extensão das tabelas da correlação **ítem / Questionário dissociado da Dimensão AIII 1**, não nos permite reproduzi-las, pelo que seguiremos uma forma conclusiva de apontar os resultados de  $r$ . Assim, os resultados desta correlação indicam-nos que, dos 65 ítems a ter em conta, 32 deles apresentam um  $r < .307$ , pelo que serão de rejeitar. Em conclusão, 33 dos 65 ítems são de aceitar, o que representa 50.76% do Pré-questionário. Se a estes ítems associarmos os 10 ítems da Dimensão A III 1, perfazemos um total de 43 ítems com correlação significativa. Efectivamente, na correlação **ítem / Dimensão A III 1**, os valores de  $r$  apontam para fortes correlações em cada um dos 10 ítems, como se pode verificar nos seguintes dados:

|         |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
|---------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| - ítem: | 3    | 22   | 27   | 29   | 32   | 36   | 43   | 51   | 58   | 64   |
| - r:    | .356 | .582 | .555 | .353 | .738 | .653 | .731 | .666 | .720 | .577 |

Sendo assim, e com base na associação das duas correlações supramencionadas, o Pré-questionário ficou reduzido a 43 ítems, que apresen-

taram um coeficiente de correlação ( $r$ ) superior ao coeficiente de correlação crítico (.307) ao n.s. 0.05 para 28 g. l. Contudo, dada a sua proximidade do valor crítico, 4 dos ítems rejeitados foram por nós reformulados e integrados no Questionário, sob os números 14 - 21 - 23 e 42, apresentando, por conseguinte, 47 ítems a **forma definitiva do Questionário** (vd. ANEXO), mantendo, contudo, as mesmas áreas e Dimensões, embora reestruturadas, do Pré-questionário.

Conseguido o instrumento de recolha das opiniões dos professores, o Questionário definitivo, distribuimo-lo por 261 (=291-30) professores, de cujo número de respondentes viria resultar a **amostra** do estudo, que acabou por ficar situada, devido a rejeições de questionários incompletos ou por não resposta, em **129** professores.

O processo de distribuição e recolha decorreu entre 12 de Março e 6 de Abril de 1990.

## Análise e Interpretação dos Resultados

Aquando do levantamento de dados, e numa análise sucinta e restrita ao índice percentual dos ítems mais relevantes para uma visão do predomínio da satisfação ou da insatisfação, elaborámos o **Quadro 1** (vd. pág. seg.), cuja informação, nos parece reveladora. Assim, e com base no mesmo, verificamos:

1. As opiniões indiciadoras de insatisfação são em maior número que as suas contrárias ( 15 v. 12);
2. o índice percentual das opiniões-insatisfação apresenta-se em regra mais elevado que nas opiniões-satisfação;
3. a percepção pessoal da profissão parece ser determinada negativamente mais por componentes sociais que pessoais;
4. exceptuando-se o descontentamento originado pelo sistema de colocações, muito negativo, as manifestações de stress, tensão e desejo de abandono parecem não encontrar-se maioritariamente na vida profissional docente;
5. os factores económico e social impõem-se pelo seu alto índice percentual propenso à insatisfação;
6. o factor relacional, quer no respeitante a colegas, quer a alunos, é pelos respondentes visivelmente associado à satisfação;
7. enquanto o insucesso determina insatisfação, o sucesso produz um efeito contrário, visivelmente muito acentuado;
8. as condições de trabalho, num sentido material benéficas à satisfação, são fomentadoras de insatisfação no seu sentido funcional ou organizacional;
9. se o factor institucional, localizado a nível de escola implementa a satisfação, a nível ministerial ou administrativo é propício à insatisfação.

**Quadro 1:** Índice percentual dos itens mais relevantes ( $\geq 50\%$  de opiniões indiciadoras de Satisfação ou Insatisfação) para uma visão do predomínio da Satisfação ou da Insatisfação.

| Dimensão                     | ÍTEM   | OP.        | OP.          | Pond. Méd. |
|------------------------------|--|------------|--------------|------------|
|                              |  | Satisf. v. | Insatisf. v. |            |
| A I.1.Perc. Pess.            | 32 Se tivesse que começar de novo, jamais me tornaria professor.   | 53,48      | 29,45        | 3.333      |
|                              | 41 Gosto de ser professor por uma questão de afirmação social proporcionada pela profissão   | 3,87       | 74,41        | 2.047      |
| A II.1. Manif.               | 36 O problema das colocações origina grande descontentamento nos professores   | 1,55       | 92,91        | 2.047      |
|                              | 44 Razões de "stress" e fadiga têm-me levado a faltar algumas vezes às aulas.  | 51,15      | 36,75        | 3.194      |
|                              | 16 Ao enfrentar os alunos, durante a aula, os professores sentem-se, frequentemente, sob grande tensão.  | 57,36      | 20,14        | 3.457      |
|                              | 47 Se eu tivesse outra oportunidade, abandonava o ensino já.   | 51,92      | 27,89        | 3.287      |
| A II.2.1. F. Ec.             | 18 O vencimento do professor não corresponde ao trabalho que realiza.  | 1,54       | 93,02        | 1.465      |
|                              | 29 O vencimento do professor é apenas suficiente para sobreviver.  | 10,85      | 86,71        | 1.814      |
|                              | 8 O ensino proporciona-me uma segurança financeira.  | 11,62      | 86,71        | 1.992      |
|                              | 15 A situação económica da profissão origina um grave descontentamento nos professores.  | 5,42       | 89,91        | 1.589      |
|                              | 40 Comparada com outras profissões em geral, a profissão docente é mal paga.   | 3,09       | 90,69        | 1.558      |
| A II.2.2. F. Soc.            | 10 Verifica-se hoje uma degradação social da imagem do professor.  | 6,19       | 88,36        | 1.698      |
|                              | 28 Comparados com categorias profissionais do mesmo nível académico, os professores são socialmente situados numa posição inferior.            | 3,10       | 96,12        | 1.457      |
|                              | 3 A falta de um estatuto, claro e preciso, provoca forte insatisfação nos professores.   | 0,00       | 96,11        | 1.442      |
| A II.2.3.1. F. Rel/Col.      | 19 O mau relacionamento com os colegas é uma das principais razões da falta de motivação dos professores.                                      | 62,78      | 18,60        | 3.597      |
|                              | 13 Habitualmente não gosto de trabalhar em equipa com colegas.   | 76,73      | 6,97         | 3.884      |
| A II.2.3.2. F. Rel/Al.       | 23 Na minha escola, o comportamento dos alunos ronda, frequentemente, a má educação.   | 62,78      | 19,37        | 3.434      |
|                              | 42 O relacionamento entre os profs e alunos da minha escola é mais gratificante do que desmotivador.   | 62,79      | 9,30         | 3.581      |
| A II.2.4.1. F. Ped/ Suc-Ins. | 21 O insucesso dos alunos da minha escola provoca um visível abalo no ânimo e optimismo dos professores.                                       | 15,49      | 55,13        | 2.504      |
|                              | 46 Quando dá com turmas que conseguem bons resultados, o professor obtém grande satisfação.  | 99,21      | 0,77         | 4.55       |
| A II.2.4.2. F. Ped/CT        | 11 As condições de trabalho na minha escola não podem ser piores.  | 72,08      | 12,39        | 3.721      |
|                              | 14 O trabalho de preparação e avaliação, a fazer em casa, não deixa ao professor o tempo necessário para se dedicar à família ou a si próprio. | 27,90      | 51,93        | 2.574      |
|                              | 35 A estruturação de horários não permite o desejável relacionamento pedagógico entre os colegas da escola.                                    | 10,85      | 64,33        | 2.364      |
| A II.2.5. F. Inst.           | 5 A falta de apoio do Ministério é uma fonte de desilusões para a minha carreira.  | 4,64       | 86,82        | 1.767      |
|                              | 9 Qualquer prof. na minha escola pode contar com o apoio do Cons. Directivo.   | 74,41      | 5,42         | 3.876      |
|                              | 39 Na minha escola, o Cons. Directivo e os profs têm um agradável relacionamento.  | 67,43      | 6,97         | 3.729      |
|                              | 7 A minha escola não dispõe de autonomia suficiente para decidir sobre problemas que afectam os professores.                                   | 5,42       | 81,39        | 1.899      |

Ainda que, de certa forma, algo de indiciador apresente esta sucinta análise das opiniões dos respondentes, contudo, segundo os mesmos, o que será realmente significativo para uma apreciação do seu sentimento de satisfação/insatisfação?

Formulada esta questão, sentimos necessidade de recorrer a uma interpretação fundamentada dos resultados obtidos. Para tal, apoiámo-nos nos resultados informáticos da **Análise factorial das Correspondências** (NICOLAU, F. C. e FERNANDES, GILDA, 1989), bem como nos resultados da **Análise Classificatória Hierárquica** elaborada a partir do coeficiente de afinidade e do critério de agregação AVL B (Algoritmos de Validade de

Ligação Bacelar, BACELAR-NICOLAU, H., 1988). Porém, dado que a Análise Classificatória complementa e confirma a Análise Factorial, limitámo-nos a uma apresentação abreviada, por razões de paginação, desta última.

Debruçando-nos, pois, sobre a Análise Factorial, constatamos que o programa utilizado fornece, em modo standard, oito factores por ordem decrescente de importância na Análise, como se pode confirmar pelos *valores próprios* ( $\lambda$ ) e pela *taxa de inércia* no **Quadro 2**.

**Quadro 2:** Análise Factorial – Factores e sua Caracterização Estatística Global.

| FACTORES                         | 1º     | 2º    | 3º    | 4º     | 5º     | 6º     | 7º     | 8º     |
|----------------------------------|--------|-------|-------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Caracterização Estatística       |        |       |       |        |        |        |        |        |
| · Valores Próprios ( $\lambda$ ) | 0.0126 | 0.009 | 0.006 | 0.0053 | 0.0046 | 0.0039 | 0.0037 | 0.0032 |
| · Taxa de Inércia                | 14.0   | 10.0  | 6.6   | 5.9    | 5.1    | 4.4    | 4.1    | 3.5    |
| · Taxa de Inércia Acumulada      | 14.0   | 24.0  | 30.6  | 36.6   | 41.6   | 46.0   | 50.1   | 53.6   |

Dado que as interações das dimensões temáticas do Questionário se apresentam definidas nos primeiros quatro Factores (que explicam 36.6% da inércia total), enquanto se vão progressivamente diluindo em conjugações pluritemáticas, menos consistentes, nos quatro últimos (que explicam 17% da inércia total), decidimos fundamentar essencialmente a nossa interpretação da satisfação/insatisfação docente apenas naqueles.

Desta forma, e com base na conjugação de resultados apresentados pelo **Factor 1** (ver pág. seg.), podemos verificar que a percepção pessoal da satisfação/insatisfação profissional dos respondentes é orientada para uma atitude francamente positiva em face da profissão (ver os significativos, embora decrescentes, valores de Pourcabs dos itens 32, 37, 26, 6 e 30), atitude essa radicada numa vivência psicológico-afectiva da mesma, em conformidade com o conteúdo dos itens mencionados, e corroborada pela manifestação do desejo de não abandono imediato da docência (item 47, com Pond. Méd. e Pourcabs a salientar). A contrariar esta percepção positiva da profissão, encontramos a determinante económica (itens 29, 15, 40) que, associada à determinante institucional (item 5) visivelmente (valores baixos de Pond. Méd.) lança os professores num sentimento de insatisfação.

Neste contexto, torna-se impositiva a tomada de **Medidas** concretas que conduzam à redução dessa insatisfação de carácter económico-institucional (itens 27, 22, 25, 20, 31, 38, 17, 43 e 34). É de salientar, pelo seu índice de Pourcabs, embora com uma Pond. Méd. relativamente inferior, a importância

da melhoria remuneratória (item 34), assim como do apoio institucional local (item 43) e das frequentes oportunidades de promoção na carreira (item 17).

**Factor 1: Percepção Pessoal da Satisfação/Insatisfação Profissional v. MEDIDAS de Redução da Insatisfação.**

|      | ÍTEMS RELEVANTES  | Enquadramento nas DIMENSÕES do Questionário | a) PESO | Correlação Factorial | b) POUR-CABS | c) CONTREL | d) POND. MÉD. |
|------|---|---|---------|----------------------|--------------|------------|---------------|
| V32- | Se tivesse que começar de novo, jamais me tornaria professor  | AI.1. PERCEP. PESS                          | 430,00  | 0,6596               | 9,0          | 43,5       | 3,333         |
| V37- | Por vezes, lamento ter-me tornado professor.  | AI.1. PERCEP. PESS                          | 406,00  | 0,6711               | 8,2          | 45,0       | 3,147         |
| V47- | Se eu tivesse outra oportunidade abandonava o ensino já.  | AII.1. MANIE.                               | 424,00  | 0,5588               | 6,4          | 31,2       | 3,287         |
| V26- | É difícil encontrar satisfação na minha profissão de professor.   | AI.1. PERCEP. PESS                          | 414,00  | 0,6118               | 6,0          | 37,4       | 3,209         |
| V29- | O vencimento do professor é apenas suficiente para sobreviver   | AII.2.1. F.EC                               | 234,00  | 0,3687               | 3,3          | 13,6       | 1,814         |
| V15- | A situação económica da profissão origina um grave descontentamento nos professores.                              | AII.2.1. F.EC                               | 205,00  | 0,3280               | 2,4          | 10,8       | 1,589         |
| V40- | Comparada com as outras profissões em geral a profissão docente é mal paga.                                       | AII.2.1. F.EC                               | 201,00  | 0,3704               | 2,3          | 13,7       | 1,558         |
| V5-  | A falta de apoio do Ministério é uma fonte de desilusões para a minha carreira.                                   | A II.2.5.F.INST.                            | 228,00  | 0,3627               | 2,5          | 13,2       | 1,767         |
| V6-  | Nunca aconselharia alguém a tornar-se professor.  | AI.1. PERCEP. PESS                          | 428,00  | 0,4470               | 3,7          | 20,0       | 3,318         |
| V30- | Sinto-me feliz por ter uma profissão aliciante.   | AI.1. PERCEP. PESS                          | 398,00  | 0,4386               | 3,0          | 19,2       | 3,085         |
| V27- | Há a necessidade de formação através de cursos científico-pedagógicos realizados nas próprias escolas.            | AIII.1.MED.                                 | 569,00  | -0,6291              | 2,6          | 39,6       | 4,411         |
| V22- | Há necessidade de seleccionar profissionais vocacionados para o ensino.   | AIII.1.MED.                                 | 566,00  | -0,5406              | 2,8          | 29,2       | 4,388         |
| V25- | São precisas boas condições de trabalho na escola para o professor render profissionalmente                       | AIII.1.MED.                                 | 586,00  | -0,6835              | 3,1          | 46,7       | 4,543         |
| V20- | Torna-se necessária uma autonomia da escola a caminhar prudentemente para a descentralização educativa.           | AIII.1.MED.                                 | 527,00  | -0,5044              | 2,8          | 25,4       | 4,085         |
| V31- | Os professores necessitam de formação contínua para não correrem o risco de se sentirem ultrapassados.            | AIII.1.MED.                                 | 582,00  | -0,7197              | 3,2          | 51,8       | 4,512         |
| V38- | O professor precisa de um estatuto para saber quem é e com o que pode contar.                                     | AIII.1.MED.                                 | 580,00  | -0,6830              | 3,9          | 46,7       | 4,496         |
| V17- | Sem frequentes oportunidades de promoção na carreira, os professores não se sentirão estimulados no seu trabalho. | AIII.1.MED.                                 | 567,00  | -0,7329              | 5,4          | 53,7       | 4,395         |
| V43- | O professor precisa do apoio do Cons. Directivo para um eficaz exercício das suas funções pedagógicas.            | AIII.1.MED.                                 | 493,00  | -0,6071              | 4,9          | 36,9       | 3,822         |
| V34- | Se o ensino fosse melhor remunerado, acabava a insatisfação profissional.   | AIII.1.MED.                                 | 434,00  | -0,5668              | 5,9          | 32,1       | 3,364         |

a) Peso = cotação total do item, tendo em conta as opiniões de N (=129) respondentes.

b) Pourcabs = percentagem de contribuição ao factor (da variável item ao factor).

c) Contrel = percentagem de contribuição relativa (do factor à variável item).

d) Ponderação Média = Peso/N(=129).

No Factor 2 (ver pág. seg.), sublinhamos o lugar proeminente que a determinante económica (ítems 15, 18, 29, 8 e 40) ocupa na determinação da insatisfação docente, com especial expressividade para um conseqüente descontentamento (ítem 15) e desajustamento salarial face ao trabalho realizado (ítem 18). Esta insatisfação, de raiz económica, é notoriamente corroborada pelo negativismo da situação sócio-estatutária (ítem 3), pelas contrariedades da situação pedagógica ligadas ao excesso de trabalho (ítem 14) e ao insucesso escolar (ítem 21), bem como pela desilusão proveniente da falta de apoio institucional central (ítem 5). Apesar de tudo, esta insatisfação é mitigada pelo facto de os professores não se sentirem significativamente afectados pelo stress e fadiga profissionais (ítem 44).

Porém, *paralelamente* a essa insatisfação, desenvolve-se nos respondentes uma percepção pessoal da satisfação/insatisfação profissional, de cunho psicológico-afectivo, muito positiva (ítems 37, 30, 45, 6 e 32), aliada ao desejo actual de permanência na profissão (ítem 47). Notemos, aliás, que este desejo de permanência e a decisão de um reinício, se possível, (ítems 47 e 32, respectivamente), apresentam um elevado índice de Pourcabs para o sentimento de satisfação.

\*\*\*

Na sua percepção pessoal da satisfação/insatisfação profissional, **Factor 3** (ver pág. 36), contrariamente ao que sucedia nos **Factores 1 e 2**, os professores apresentam-nos uma *atitude negativa*, de raízes extrínsecas ao próprio sujeito ou sócio-ambientais, concretamente no que respeita à satisfação auferida na docência comparada com outras profissões (ítem 12) e no que se refere à afirmação social proporcionada pela profissão (ítem 41), bem como às vantagens comparadas com as desvantagens de ser professor (ítem 1). Este sentimento de insatisfação é extremamente reforçado pela insegurança financeira (ítem 8) - de valor surpreendentemente elevado a nível de Pourcabs e com forte correlação factorial. Por sua vez, a situação relacional, a nível de colegas, não estimula o professor a uma melhoria do trabalho (ítem 4), facto que vai reverter num incremento da insatisfação.

Para *agudizar* essa atitude de pessimismo perceptivo da satisfação/insatisfação docente, parece impôr-se, de forma crescente, o peso negativo do insucesso do aluno (ítem 21), da situação social inferior comparada com outras profissões (ítem 28), das condições de trabalho em que se desenrola a actividade pedagógica - deficiente estruturação de horários (ítem 35) e sobrecarga de trabalho profissional (ítem 14) impeditiva de uma desejável dedicação à família ou a si próprio, circunstância esta que parece avolumar significativamente o sentimento de insatisfação (ver o índice de Pourcabs do ítem 14). A mitigar esta insatisfação de cariz pedagógico-social, deparamos com um sadio relacionamento entre os colegas (ítem 19).

**Factor 2: Situação Económica v. Percepção Pessoal da Satisfação/Insatisfação Profissional.**

|      | ÍTEMS RELEVANTES  | Enquadramento nas DIMENSÕES do Questionário | a) PESO | Correlação Factorial | b) POUR-CABS | c) CON-TREL | d) POND. MÉD. |
|------|---|---|---------|----------------------|--------------|-------------|---------------|
| V15- | A situação económica da profissão origina um grave descontentamento nos professores.  | AII.2.1. F.EC                               | 205,00  | 0,5901               | 10,8         | 34,8        | 1,589         |
| V18- | O vencimento do professor não corresponde ao trabalho que realiza.  | AII.2.1. F.EC                               | 189,00  | 0,6227               | 8,5          | 38,8        | 1,465         |
| V29- | O vencimento do professor é apenas suficiente para sobreviver   | AII.2.1. F.EC                               | 23400   | 0,4639               | 7,3          | 21,5        | 1,814         |
| V8 - | O ensino proporciona-me uma segurança financeira  | AII.2.4.2. F.EC                             | 257,00  | 0,3848               | 6,1          | 14,8        | 1,992         |
| V40- | Comparada com as outras profissões em geral a profissão docente é mal paga.   | AII.2.1. F.EC                               | 201,00  | 0,4203               | 4,2          | 17,7        | 1,558         |
| V3 - | A falta de um estatuto, claro e preciso, provoca forte insatisfação nos professores.  | AII.2.2. F.SOC                              | 186,00  | 0,4812               | 3,7          | 23,2        | 1,442         |
| V14- | O trabalho de preparação e avaliação, a fazer em casa, não deixa ao professor o tempo necessário para se dedicar à família ou a si próprio. | AI.1.2.4.2.F.PED/CT                         | 332,00  | 0,4155               | 6,2          | 17,3        | 2,574         |
| V5 - | A falta de apoio do Ministério é uma fonte de desilusões para a minha carreira.   | A II.2.5.F.INST.                            | 228,00  | 0,3426               | 3,1          | 11,7        | 1,767         |
| V44- | Razões de "Stress" e fadiga têm-me levado a faltar às aulas.  | AII.1.MANIF.                                | 412,00  | 0,3430               | 4,0          | 11,8        | 3,194         |
| V21- | O insucesso dos alunos da minha escola provoca um visível abalo no ânimo e optimismo dos professores.                                       | AII.2.4.1F.PED/SUC-INS                      | 323,00  | 0,3314               | 2,8          | 11,0        | 2,504         |
| V37- | Por vezes lamento ter-me tornado professor.   | AI.1. PERCEP. PESS                          | 406,00  | -0,3631              | 3,3          | 13,2        | 3,147         |
| V30- | Sinto-me feliz por ter uma profissão aliciante.   | AI.1. PERCEP. PESS                          | 398,00  | -0,4268              | 4,0          | 18,2        | 3,085         |
| V45- | Sinto-me realizado em termos de profissão que escolhi.  | AI.1. PERCEP. PESS                          | 418,00  | -0,4676              | 4,6          | 21,9        | 3,240         |
| V6 - | Nunca aconselharia alguém a tornar-se professor.  | AI.1. PERCEP. PESS                          | 428,00  | -0,4273              | 4,7          | 18,3        | 3,318         |
| V47- | Se eu tivesse outra oportunidade, abandonava o ensino já.   | AII.1.MANIF.                                | 424,00  | -0,4234              | 5,1          | 17,9        | 3,287         |
| V32- | Se eu tivesse que começar de novo, jamais me tornaria professor.  | AI.1. PERCEP. PESS                          | 430,00  | -0,4911              | 7,0          | 24,1        | 3,333         |

\*\*\*

Com base no **Factor 4** (ver pág. 37), confirma-se que a situação económica (ítems 29, 40, 8) dos professores é implementadora do seu sentimento de insatisfação, reaceso pela escassez de tempo livre para si e família - exigência imposta pelas condições de trabalho (ítem 14) e avivado pela convicção de uma posição social inferior, comparada com outras profissões

**Factor 3:** Percepção Pessoal da Satisfação/Insatisfação Profissional v. Situação Pedagógica.

|      | ÍTEMS RELEVANTES  | Enquadramento nas DIMENSÕES do Questionário | a) PESO | Correlação Factorial | b) POUR-CABS | c) CON-TREL | d) POND. MÉD. |
|------|---|---|---------|----------------------|--------------|-------------|---------------|
| V8-  | O ensino proporciona-me uma segurança financeira  | AII.2.1.F.EC                                | 257,00  | 0,7073               | 31,1         | 50,0        | 1,992         |
| V12- | Comparada com outras profissões, a de professor oferece um maior grau de satisfação   | AI.1.PERCEP. PESS                           | 355,00  | 0,4495               | 8,0          | 20,2        | 2,752         |
| V41- | Gosto de ser professor por uma questão de afirmação social proporcionada pela profissão   | AI.1.PERCEP. PESS                           | 264,00  | 0,4013               | 5,7          | 16,1        | 2,047         |
| V1-  | As vantagens de ser professor são maiores do que as desvantagens.   | AI.1.PERCEP. PESS                           | 370,00  | 0,3990               | 4,8          | 15,9        | 2,868         |
| V4-  | Os meus colegas estimulam-me a uma melhoria do meu trabalho.  | AII.2.3.1.F.REL/COL                         | 361,00  | 0,3400               | 4,1          | 11,6        | 2,798         |
| V21- | O insucesso dos alunos da minha escola provoca um visível abalo no ânimo e optimismo dos professores.                                       | AII.2.4.1.F.PED/SUC-INS                     | 323,00  | -0,2825              | 3,1          | 8,0         | 2,504         |
| V19- | O mau relacionamento com os colegas é uma das principais razões da falta de motivação dos professores.                                      | AII.2.3.1.F.REL/COL                         | 464,00  | -0,3640              | 4,9          | 13,3        | 3,597         |
| V35- | A estruturação de horários não permite o desejável relacionamento pedagógico entre os colegas da escola.                                    | AII.2.4.2.F.PED/CT                          | 305,00  | -0,3332              | 3,6          | 11,1        | 2,364         |
| V28- | Comparados com categorias profissionais do mesmo nível académico, os profs. são socialmente situados numa posição inferior.                 | AI.2.2.F. SOC.                              | 188,00  | -0,3542              | 3,8          | 12,5        | 1,457         |
| V14- | O trabalho de preparação e avaliação, a fazer em casa, não deixa ao professor o tempo necessário para se dedicar à família ou a si próprio. | A II.2.4.2. F. PED/CT                       | 332,00  | -0,5247              | 14,9         | 27,5        | 2,574         |

(item 28), bem como pela significativa falta de estímulo relacional, da parte dos colegas, a uma melhoria no trabalho (item 4, com expressivo valor de Pourcabs).

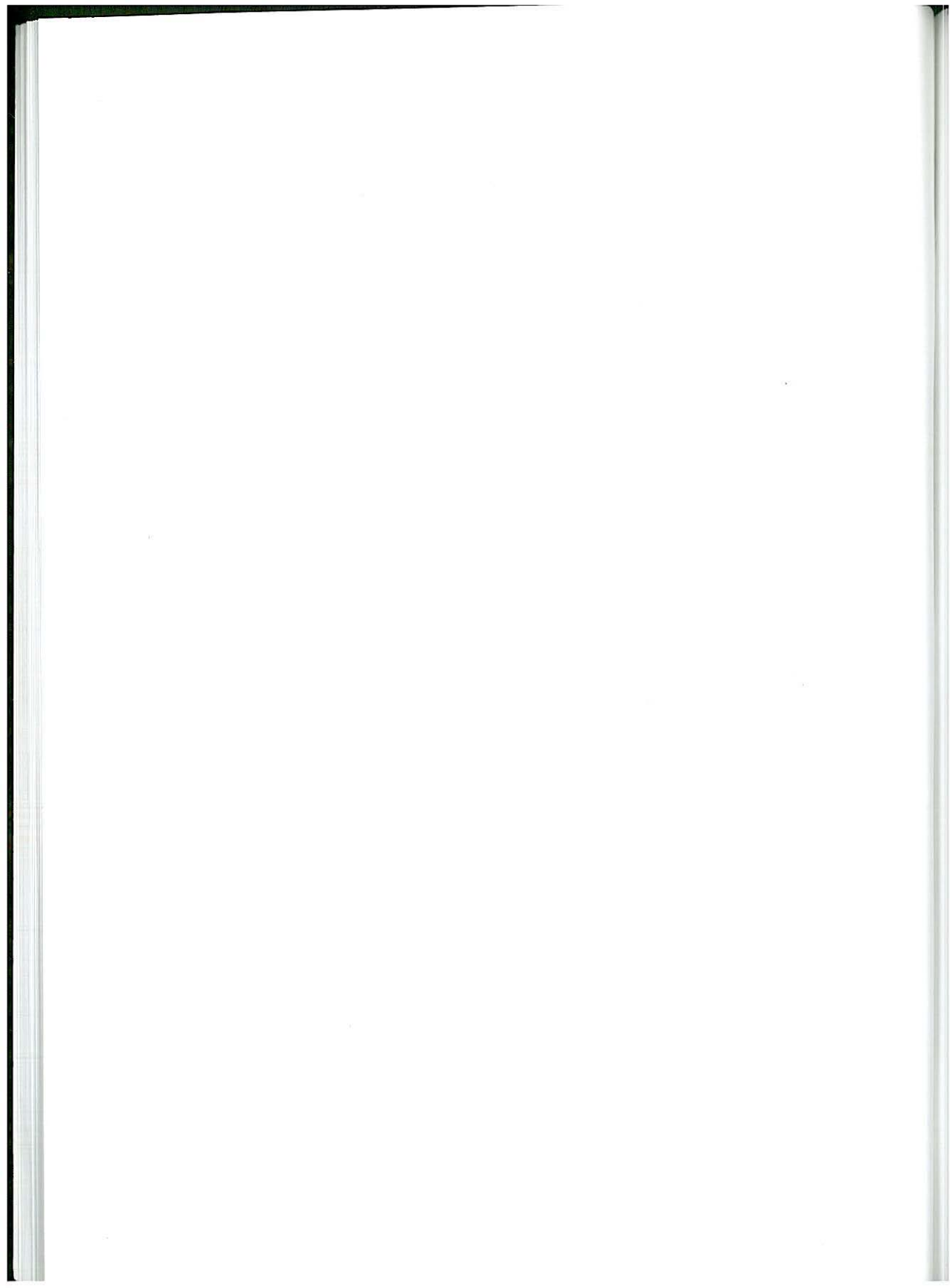
Como *consequência lógica* deste sentimento de insatisfação económica, reafirmado pelas carências de natureza sócio-pedagógico-relacional, impõe-se, em crescendo, uma reacção de insatisfação perante a actuação dos órgãos institucionais, concretamente no que respeita à falta de apoio do Ministério - geradora de desilusão (item 5), assim como à necessidade de apoio do Conselho Directivo no âmbito da actividade pedagógica (item 24) e à sublinhada falta de autonomia da escola para decidir sobre problemas docentes (item 7, com expressivo valor de Pourcabs). Acrescentemos que o insucesso escolar (item 21) vem reforçar a determinante institucional da insatisfação docente, que, contudo, se vê mitigada por um aceitável comportamento dos alunos (item 23) numa dimensão relacional.

**Factor 4: Situação Económica v. Situação Institucional.**

|      | ÍTEM RELEVANTES   | Enquadramento nas DIMENSÕES do Questionário | a) PESO | Correlação Factorial | b) POUR-CABS | c) CON-TREL | d) POND. MÉD. |
|------|---|---|---------|----------------------|--------------|-------------|---------------|
| V29- | O vencimento do professor é apenas suficiente para sobreviver.  | AII.2.1.F. EC                               | 234,00  | 0,3354               | 6,5          | 11,2        | 1,814         |
| V4 - | Os meus colegas estimulam-me a uma melhoria do meu trabalho.  | AII.2.3.1 F.REL/COL.                        | 361,00  | 0,4434               | 7,8          | 19,7        | 2,798         |
| V14- | O trabalho de preparação e avaliação, a fazer em casa, não deixa ao professor o tempo necessário para se dedicar à família ou a si próprio. | A II.2.4.2. F. PED/CT                       | 332,00  | 0,3281               | 6,5          | 10,8        | 2,574         |
| V28- | Comparados com categorias profissionais do mesmo nível académico, os profs. são socialmente situados numa posição inferior.                 | AII.2.2.F. SOC.                             | 188,00  | 0,3122               | 3,3          | 9,7         | 1,457         |
| V40- | Comparada com outras profissões em geral, a profissão docente é mal paga.   | AII.2.1.F. EC                               | 201,00  | 0,2812               | 3,2          | 7,9         | 1,558         |
| V12- | Comparada com outras profissões, a de professor oferece um maior grau de satisfação   | AI.1.PERCEP. PESS                           | 355,00  | 0,3417               | 5,2          | 11,7        | 2,752         |
| V8 - | O ensino proporciona-me uma segurança financeira  | AII.2.1. F.E.C.                             | 464,00  | 0,2743               | 3,1          | 7,5         | 1,992         |
| V23- | Na minha escola, o comportamento dos alunos ronda, frequentemente a má educação.  | AII.2.3.2.F.REL/AL                          | 443,00  | -0,4918              | 9,0          | 24,2        | 3,434         |
| V5 - | A falta de apoio do ministério é uma fonte de desilusões para a minha carreira.   | AII.2.5. F. INST                            | 228,00  | -0,3257              | 4,8          | 10,6        | 1,767         |
| V21- | O insucesso dos alunos da minha escola provoca um visível abalo no ânimo e optimismo dos professores.                                       | AII.2.4.1.F.PED/SUC-INS                     | 323,00  | -0,4306              | 7,9          | 18,5        | 2,504         |
| V24- | Sinto necessidade de apoio do Conselho Directivo na minha actividade pedagógica   | AII.2.5 F. INST.                            | 367,00  | -0,4797              | 10,4         | 23,0        | 2,845         |
| V7 - | A minha escola não dispõe de autonomia suficiente para decidir sobre problemas que afectam os professores.                                  | AII.2.5 F. INST.                            | 245,00  | -0,4737              | 12,4         | 22,4        | 1,899         |

\*\*\*

Embora a sua extensão não nos permita reproduzi-la, diremos que a **Análise Classificatória**, ao longo dos seus níveis estruturados em classes, vem confirmar e complementar a presente Análise Factorial, verificando-se uma especial coincidência entre ambas nos domínios **económico, social e medidas** a implementar para a redução da insatisfação docente. Por conseguinte, com base nelas e na informação documental que a literatura nos proporcionou, o nosso trabalho chegou às seguintes considerações finais, nunca a tomar como conclusões apodíticas, mas antes como modestas achegas para uma investigação futura:



## Considerações Finais

---

Neste momento final, forçoso é que reconheçamos as limitações do nosso estudo quanto a uma generalização dos seus resultados. De facto, a dimensão da nossa amostra (N=129) obriga-nos a confinar os resultados à população dos Professores Efectivos do Ensino Secundário do distrito de Bragança e, com maior rigor, apenas aos professores respondentes.

Estamos consciente de que outras opções estatísticas poderiam ser traçadas, o que nos levaria a um prolongamento significativo do estudo, temporalmente inviável. Por outro lado, empenhámo-nos bastante no carácter processual da nossa investigação, no pôr em prática a metodologia por que optámos, facto que chega a sobrepôr-se, em nossa opinião, aos resultados desse mesmo processo.

Contudo, é natural que, em face de uma caracterização demográfico-sócio-cultural semelhante, outros distritos apresentem uma situação docente bastante próxima daquela que traçámos neste quadro interpretativo. Tal proximidade, porém, não se baseia senão em suposições, para cuja confirmação, repetimos, não encontramos legitimidade.

Desta forma, referindo-nos apenas à nossa amostra, consideramos que os Professores Efectivos do Ensino Secundário auto-percepcionam positiva e negativamente a sua satisfação profissional. Na realidade, verificamos neles uma percepção pessoal de *satisfação*, fundamentada em *motivos intrín-*

*secos* (o gosto de ser professor, a realização pessoal), à semelhança do que alguns estudos testemunham (SMILANSKI, J., 1984 ; JOHNSON, S. M., 1986), mas também nos apresentam uma percepção pessoal de *insatisfação*, fundamentada em *motivos extrínsecos* (comparação com outras profissões, afirmação social, recompensas salariais), como, aliás, verificamos pela literatura (FAVRETTO, G., 1985 ; JOHNSON, S. M., 1986).

É interessante reconhecer que os professores respondentes, apesar de uma auto-percepção de insatisfação profissional bastante pronunciada, não apresentam *manifestações* de insatisfação de elevado significado, quer percentual, quer correlacional. Efectivamente, o stress, a fadiga, a tensão nervosa e o abandono-desejo de abandono não são problemas que os afectem de forma preocupante. Manifestam, isso sim, grande descontentamento em relação ao processo de colocações.

Considerando os *motivos* da sua insatisfação, os professores apontam primordialmente para a conjugação das determinantes *económica e social*, mostrando-se particularmente afectados pela inadequação do vencimento ao trabalho realizado, assim como pela falta de reconhecimento a que estão votados, com a conseqüente degradação social da sua imagem, em conformidade, aliás, com vários estudos realizados sobre esta matéria (UNESCO, 1978; BLASE and PAJAK, 1986 ; VILLA, J. V., 1988 ; JACOBSON, S. L., 1988 ; FARBER, B., 1984; BIDDLE, B. J., 1988 ; BRAGA da CRUZ, M., 1990; JOSEPH, P. and GREEN, N., 1986).

Também merece uma consideração especial a determinante *institucional* da insatisfação docente. Neste domínio, constatamos que os professores se sentem "desiludidos" com a falta de apoio dos Órgãos Centrais, mais concretamente do Ministério da Educação, e vivem com a ideia de uma dependência quase total em relação aos mesmos, apercebendo-se da insuficiência de autonomia das suas escolas. Contudo, relativamente ao inter-relacionamento e apoio exercidos pelos órgãos institucionais locais, mais concretamente os Conselhos Directivos das escolas, os professores testemunham uma evidente satisfação.

Quanto à determinante *pedagógica* da insatisfação, os professores posicionam-se segundo duas dimensões: por um lado, sentem, na sua maioria, a influência negativa do insucesso do aluno sobre o seu optimismo docente e, por outro, acham bastante inadequadas as condições de trabalho de tipo organizacional: uma estruturação de horários pouco estimulante de um relacionamento pedagógico entre colegas e uma sobrecarga de tarefas impeditiva de uma dedicação normal à família ou a si próprios, posição coerente com as observações de J. DUNHAM (1984).

Porém, numa situação oposta, os professores testemunham, quase com unanimidade, que auferem grande satisfação a partir do sucesso escolar obtido nas suas turmas, de acordo com igual posição de M. HUBERMAN (1989). Expressam ainda, com bastante realce, que as condições de trabalho de ordem material (edifícios e espaços escolares) são encorajantes para uma

actividade docente. A este propósito, refiramos que as 12 escolas secundárias do distrito de Bragança, 9 delas recentemente construídas, apresentam um estado de conservação quase exemplar, embora as suas dimensões interiores, destinadas à função lectiva, sejam, nalguns casos, insuficientes para a actual população escolar.

Voltando-nos para a determinante *relacional*, consideramos que os professores obtêm grande satisfação a partir do conjunto de relações interpessoais, quer a nível de colegas, quer a nível de alunos. O relacionamento com colegas é animador, não só pelo poder motivacional que determina para poder enfrentar a função docente, mas também pelo espírito de equipa ou grupo que gera, em ordem à execução de tarefas pedagógicas. Contudo, a nível de estímulo para um crescimento pessoal em vista a uma melhoria no trabalho, os colegas não são tão implementadores de satisfação, antes pelo contrário.

No que ao relacionamento com os alunos se refere, os Professores Efectivos do Ensino Secundário do distrito de Bragança confessam-se maioritariamente satisfeitos, porque, por um lado, os alunos indisciplinados são pouco frequentes e, por outro, o inter-relacionamento professor-alunos é considerado, significativamente, mais gratificante do que desmotivador. Ainda que fugazmente, mencionemos que na fase de Entrevistas registámos vários depoimentos em que o comportamento dos alunos foi ressaltado no sentido de constituírem uma “juventude mais ordeira que antigamente”, “gente fixe e de confiança”, “rapaziada não causadora de problemas”, “com quem se mantém um óptimo relacionamento”, etc.

Partindo da interpretação das coordenadas factoriais, positivas e negativas, e dos respectivos valores de Pourcabs, comprovamos a significação e enquadramento das diversas *variáveis* do estudo. Assim, e no que concerne à *idade*, sendo a média etária destes professores relativamente baixa (37.8 anos), verificamos que, num plano global, é a faixa etária dos 35-39 anos a que maior grau de insatisfação acusa. Contudo, a essa faixa etária equipara-se a dos 30-34 anos apenas em face da insatisfação proveniente da determinante *institucional*, e a faixa etária dos 40-44 anos é aquela que tem uma *percepção pessoal* mais acentuada de insatisfação. Podemos, pois, constatar que a maior insatisfação docente é vivida entre os 30 e os 45 anos, isto é, pelos professores de meia-idade. Antes dos 30 e a partir dos 45 anos, regista-se uma maior satisfação, o que vem confirmar as conclusões de M. LOWTHER et al. (1985) e de C. KYRIACOU e J. SUTCLIFE (1979) respectivamente.

Quanto ao *sexo*, se confrontarmos a *percepção pessoal da satisfação* dos homens com a das mulheres, deparamos com uma relativa aproximação de posições; todavia, o mesmo não sucede com a *percepção pessoal da insatisfação*, pois surge-nos com maior intensidade nos homens.

É também interessante verificar que os professores com *efectividade* mais recente (1 a 5 anos), normalmente conseguida entre os 30-40 anos de idade — dos 75 professores situados no nível 1-5 anos de Efectividade de Nomeação Definitiva, 14 conseguem-na antes dos 30 anos, 55 entre os 30-40 anos e 6

depois dos 40 anos —, são aqueles em que o sentimento de insatisfação é mais pronunciado, evidenciando-se um coincidente paralelismo com os níveis etários de maior insatisfação. De forma semelhante, a um maior número de anos de efectividade corresponde uma maior satisfação profissional.

Quanto às **áreas disciplinares**, verificamos que os professores da área Científica, num cômputo global, são os que mais acusam o peso da insatisfação, embora a área de Letras e a área Profissionalizante se lhe equiparem relativamente às determinantes pedagógica e social e económica, em parte.

A maioria dos professores opina que o **sucesso escolar** é uma notável determinante de satisfação. Também, na prática, segundo o seu testemunho, aqueles que maior sucesso conseguem nas turmas, são os que apresentam uma mais positiva *percepção pessoal* de satisfação profissional.

Se considerarmos o problema do **absentismo** na sua relação com a satisfação/insatisfação profissional, teremos que comprovar:

1 - os professores respondentes apresentam um índice de absentismo normal (1.237 faltas/mês por professor), à semelhança do que se passa no resto do País (BRAGA da CRUZ, M., 1990);

2 - a relação entre absentismo e insatisfação é muito ténue, pois nem sempre os professores mais faltosos são os que auto-percebem mais negativamente a sua profissão. Este indicativo, aliás, parece confirmar o estudo de E. M. BRIDGES (1980), embora o mesmo se reporte a professores do ensino elementar.

É importante mencionar que os Professores Efectivos do Ensino Secundário do distrito de Bragança se vêem sujeitos aos condicionalismos gerais que parecem afectar a satisfação profissional de toda uma classe docente, mas, para além destes, ainda têm que contar com as características específicas deste distrito: interioridade, relativo isolamento sócio-cultural, economia débil. Cremos que os reflexos deste meio sobre os professores contribuem para uma agudização da sua relativa forma de estar negativa perante a profissão.

Contudo, e que sirva de elogio, os professores em questão não são pessoas de dobrar perante as dificuldades. A comprová-lo, com uma altíssima frequência de opinião, está o facto de enfrentarem o futuro com optimismo, propondo e sugerindo a renovação e/ou mudança de algumas vertentes essenciais do sistema de ensino, desde uma reestruturação de salários, promoção na carreira, apoio institucional até à formação e selecção de profissionais, passando pela dignificação sócio-estatutária (a investigação decorre no período que antecede a publicação do Estatuto da Carreira Docente — 28-4-1990).

Às **medidas** que contemplam mudanças de carácter pessoal (aquisição de competências, profissionalismo) antepõem, porém, as medidas relativas a mudanças de carácter externo (remunerações, promoção, reconhecimento e apoio institucional), o que vem confirmar as considerações de E. HATTON (1987).

Enfim, nas suas expectativas, sólidas e revitalizantes, manifestam estes professores uma atitude de apoio incondicional a uma tomada de medidas que reverta na revalorização e dignificação da carreira docente, sempre na esperança de reduzir a sua insatisfação.

\*\*\*

Quando iniciámos o presente estudo, procurámos localizar algumas investigações sobre esta mesma temática, que, eventualmente, tivessem sido realizadas no nosso País, com uma dupla finalidade: por um lado, orientar o nosso trabalho à semelhança das perspectivas e parâmetros fundamentais nelas utilizados e, por outro, constituir um padrão referencial para a comparação dos resultados obtidos.

Todavia, apesar das nossas repetidas pesquisas documentais, sempre sujeitas a limitações, como é evidente, pouco ou quase nada de acabado encontrámos neste domínio.

Na verdade, muito se poderá fazer no nosso País, a nível investigativo-educacional, sobre a temática da satisfação docente. (Hoje, nos anos 90, os problemas de docentes e discentes falam por si!).

Seria deveras interessante um estudo comparativo entre o posicionamento dos professores das diversas regiões do País face à satisfação profissional. Poder-se-ia, por outro lado, comparar a posição dos professores efectivos de nomeação definitiva com a dos professores de nomeação provisória, o que constituiria um trabalho significativo para a definição das respectivas expectativas profissionais.

Mas, seja qual for a perspectiva traçada por eventuais estudos dentro desta problemática, a nossa curta experiência sugere-nos uma premissa de considerável importância: o processo investigativo deverá orientar-se para uma informação final dos professores, a partir da qual se possa implementar uma intervenção directa e palpável na causa educativa.

É nosso desejo final expressar, perante toda a investigação educacional futura, que uma sociedade tem os professores que merece. Assim, um estudo sobre a satisfação docente adquirirá maior força e razão de ser na medida em que incuta na sociedade uma conscientização do respeito, carinho e reconhecimento a tributar aos educadores dos seus filhos.



## Bibliografia

---

- ALBERTSON, L.M. and KAGAN, D.M., Occupational Stress among Teachers, *Journal of Research and Development in Education*, v. 21 n 1, 1987, pp 69-75.
- ALMEIDA, V.C., Stress Organizacional - 1, *Pessoal*, n 17, 1985, pp 7-12.
- ALMEIDA, V.C., Stress Organizacional - 2, *Pessoal*, n 19, 1986, pp 7-14.
- AMIEL, R., Psicopatología del Malestar de los Enseñantes, in ESTEVE, J. M., *Profesores en Conflicto*, Madrid, Narcea, 1984, pp 135-142.
- AMIEL, R. et al., Santé Mentale des Enseignants, in ABRAHAM, ADA, *L'Enseignant est une Personne*, Paris, E S F, 1984.
- AMIEL, R., La 'Déprime' des Enseignants, *Science et Vie*, Paris, 1988, pp 118-124.
- ANDERSON, M.B.G. and IWANICKY, E.F., Teacher Motivation and its Relationship to Burnout, *Educational Administration Quarterly*, v 2, n 2, 1984, pp 109 -132.
- BACELAR-NICOLAU, H., Two Probabilistic Models for Classification of Variables in Frequency Tables, in BOCK, H. H., *Classification and Related Methods of Data Analysis*, North Holland, 1988.
- BEILLEROT, J., Le Malaise Enseignant -Les Dialogues Difficiles, *L'Education*,

1977, pp 36 - 38.

BIDARRA, M.G.A., *Contributo para o Estudo das Interações na Turma - As Representações recíprocas Professor - Aluno*, Coimbra, Fac. de Psic. e de Ciências da Educação, 1988.

BIDDLE, B.J., Teacher Roles, in DUNKIN, M. (ed ) *The International Encyclopedia of Teaching and Teacher Education*, Oxford, Pergamon Press, 1988, pp 625 -634.

BLASE, J. J., A Social-psychological Grounded Theory of Teacher Stress and Burnout, *Educational Administration Quarterly*, n 4, 1982, pp 93-113.

BLASE, J.J. and PAJAK, E.F., The Impact of Teachers' Work Life on personal Life: a qualitative Analysis, *The Alberta Journal of Educational Research*, v 32, n 4, 1986, pp 307-322.

BRAGA da CRUZ, M., *A Situação do Professor em Portugal. Relatório da Comissão criada pelo Despacho 114/ME/88 do Ministro da Educação* Lisboa, 1990.

BREDERODE SANTOS, M.E., *Os Aprendizizes de Pigmalião*, Lisboa, IED, 1985.

BREUSE, E., Formation des Enseignants centrée sur la Personne, in ABRAHAM, ADA, *L'Enseignant est une Personne*, Paris, ESF, 1984, pp 144-153.

BREUSE, E. et al., *Recherche en Education-L'Enseignant Débutant*, Université de L'Etat a Mons, DGOE, 1981.

BRIDGES, M.E., Job Satisfaction and Teacher Absentism, *Educational Administration Quarterly*, v 16, n 2, 1980, pp 41-56.

CAIRNS, L.G., Behaviour Problems, in DUNKIN, M.J. (ed), *International Encyclopedia of Teaching and Teacher Education*, Oxford, Pergamon Press, 1988, pp 446-452.

CAPEL, S.A., The Incidence of and Influences on Stress and Burnout in Secondary School Teachers, *The British Journal of Educational Psychology*, v 57, 1987, pp 279-288.

CHAPMAN, D.W. and LOWTHER, M.A., Teachers' Satisfaction with Teaching, *The Journal of Educational Research*, v 75, n 4, 1982, pp 241-247.

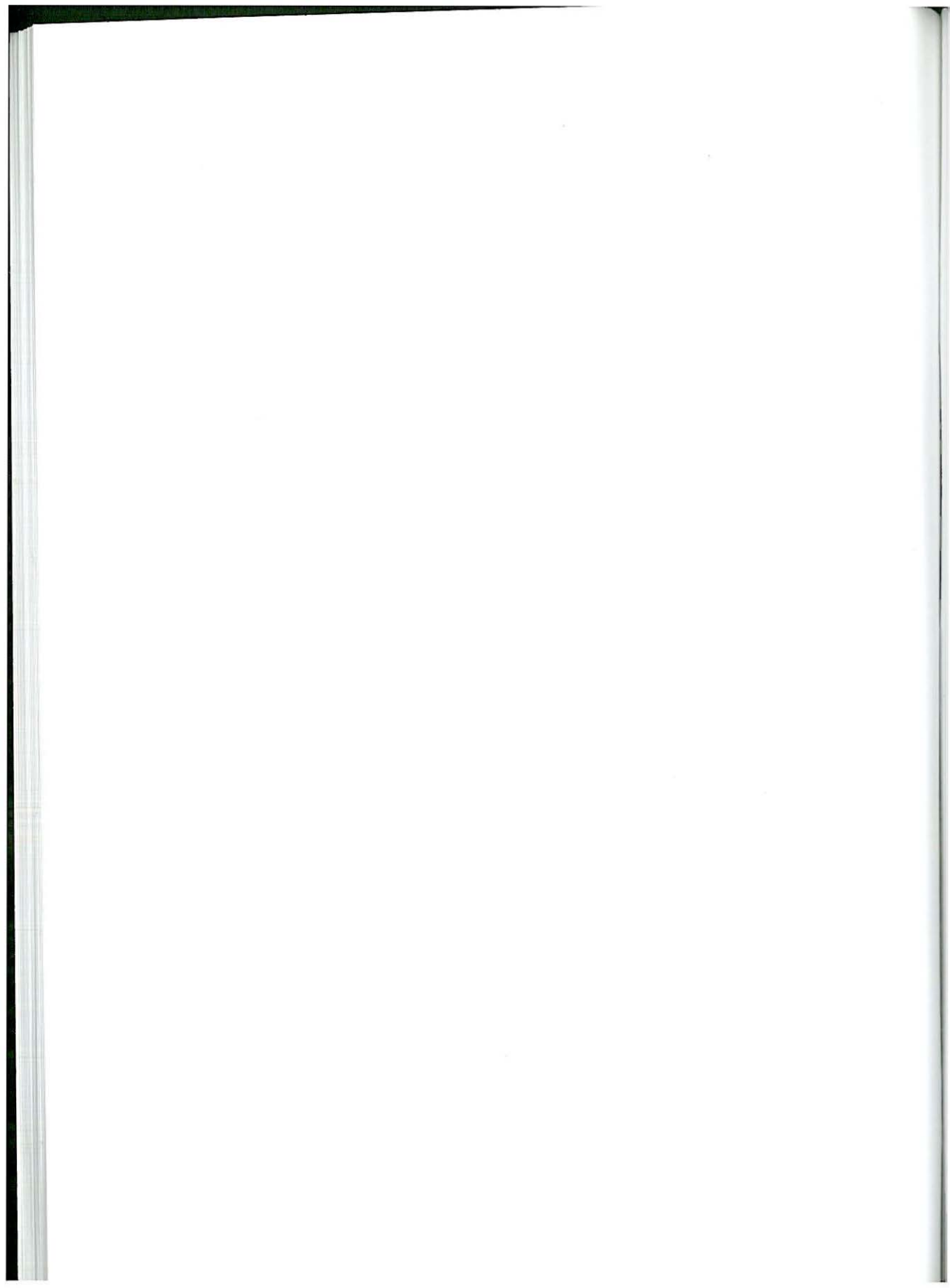
CHAPOULIE, J-M., *Les Professeurs de l'Enseignement Secondaire - Un Metier de Classe Moyenne*, Paris, Editions de la Maison des Sciences de l'Home, 1987.

COATES, T.H. and THORENSEN, C.E., Teacher Anxiety: a Review with Recomendations, *Review of Educational Research*, v 46, n 2, 1976, pp 159-184.

- COHEN, PH., Profs: L'ère du doute - du Malaise a la Fuite, *Le Monde de L'Education*, n 108, 1984, pp 10-14.
- COUTY, MARC, Les Enseignants sont-ils des Privilégiés?, *Le Monde de L'Education*, 1981, pp 7-20.
- DELAIRE, GUY, *Enseigner ou la Dynamique d'une Rélation*, Paris, Les Editions d'Organisation, 1988.
- DUNHAM, J., Disruptive Pupils and Teacher Stress, *Educational Research*, v 23, n3, 1981, pp 205-213.
- DUNHAM, J., *Stress in Teaching*, London, Croom Helm, 1984.
- ESTEVE, J.M., *El Malestar Docente*, Barcelona, editorial Laia, 2ª ed, 1984.
- ESTEVE, J.M. et FRACCHIA, A.F.B., Le Malaise des Enseignants, *Education-Tribune Libre*, n 211, 1988, pp 49-71.
- ESTEVE, J.M. et FRACCHIA, A.F.B., Inoculation against Stress: a Technique for Begining Teachers, *European Journal of Teacher Education*, v 7, n 2, 1986, pp 261-268.
- ESTRELA, Mª T., Algumas Considerações sobre o Conceito de Profissionalismo Docente, Separata da *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano XX, 1986, pp 49-71.
- ESTRELA, Mª T., *Une Étude sur L'Indiscipline en Classe*, Lisboa, INIC, 1986.
- FARBER, B.A., Stress and Burnout in Suburban Teachers, *The Journal of Educational Research*, v 77, n 6, 1984, pp325-331.
- FAVRETTO, G., Rassegna Critica sul Concetto di Stress lavorativo dell' Insegnante, *Orientamenti Pedagogici*, n 32, 1985, pp 100-111.
- FRAGA, B. et al., O 'Stress' no Professor, *Escola*, n 29, 1983, pp25-26.
- FRIESEN, D. et al., Factors Contributing to the Job Satisfaction of School Principals. *The Alberta Journal of Educational Research*, v 30, n 3, 1984, pp 157-170.
- GOBLE, N. et PORTER, J.F., *L'Evolution du Rôle du Maître - Perspectives Internationales*, Paris, Unesco, 1977.
- GORRIEL, J. et al., An Analysis of perceived Stress in elementary and Secondary Student Teachers and full-time Teachers, *Journal of Experimental Education*, v 54, n 1, 1985, pp 11-14.
- GORTON.R.A., Teacher Job Satisfaction, in MITZEL, H.E. (ed), *Encyclopedia of Educational Research*, New York, The Free Press, v IV, 1982, pp1903-1908.
- GOUPIL, G. et al., L'Influence du Climat Organisationnel sur L'Anxiété des Enseignants, *Rêvue des Sciences de l'Éducation*, v 11, n 3, 1985, pp 477-487.

- GUERRA, M.A., La Erosión de la Función Docente, *Revista Española de Pedagogía*, año XLI, n 159, 1983, pp 105-118.
- HALPIN, G. et al., Teachers Stress as Related to Locus of Control, Sex and Age, *The Journal of Experimental Education*, v 53, n 3, 1985, pp 136-140.
- HAMON, H. et ROTMAN, P., *Tant qu'il y aura des Profs*, Paris, Editions du Seuil, 1984.
- HARRIS, LOUIS et al., *The American Teacher 1986 - Restructuring the Teacher Profession*, New York, Metropolitan Life, 1986.
- HATTON, E., Determinants of Teacher Work: Some Causal Complications, *Teaching and Teacher Education*, v 3, n 1, 1987, pp 55-60.
- HEMBLING, D.W. and GILLIAND, B., Is There an Identifiable Stress Cycle in the school Year?, *The Alberta Journal of Educational Research*, v 27, n 4, 1981, pp 324-330.
- HUBBERMAN, M., Les Phases de la Carrière Enseignante: un Essai de Description et de Prévision, *Révue Française de Pédagogie*, n 86, 1989, pp 5-18.
- JACOBSON, S.L., The Distribution of Salary Increments and its Effect on Teacher Retention, *Educational Administration Quarterly*, v 24, n 2, 1988, pp 178-189.
- JOHNSON, S.M. Incentives for Teachers: What Motivates, What Matters, *Educational Administration Quarterly*, v 22, n 3, 1986, pp 54-79.
- JOSEPH, P. and GREEN, N., Perspectives on Reasons for Becoming Teachers, *Journal of Teacher Education*, v 37, n 6, 1986, pp 28-33.
- KYRIACOU, C., Teacher Stress and Burnout: an International Review, *Educational Research*, v 29, n 2, 1987, pp 146 -152.
- KYRIACOU, C. and SUTCLIFE, J., Teacher Stress and Satisfaction, *Educational Research*, v 12, n 2, 1979, pp 86-96.
- LESTER, P.E., Development and Factor Analysis of the Teacher Job Satisfaction Questionnaire, *Educational and Psychological Measurement*, v 47, n 1, 1987, pp 223-233.
- LIPSKY, D.B., The Effect of Collective Bargaining on Teacher Pay: a Review of the Evidence, *Educational Administration Quarterly*, v 18, n 1, 1982, pp 14-42
- LITT, M. and TURK, D.C., Sources of Stress and Dissatisfaction in Experienced High School Teachers, *The Journal of Educational Research*, v 78, n3, 1985, pp 178-185.
- LOWTHER, M.A. et al., Age and the Determinants of Teacher Job Satisfac-

- tion, *The Gerontologist*, v 25, n 5, 1985, pp 520-525.
- McINTYRE, T.C., The Relationship between Locus of Control and Teacher Burnout, *British Journal of Education Psychology*, n 54, 1984, pp 235-238.
- MEICHENBAUM, D., Stress Inoculation Training, New York, Pergamon Press, 1985.
- NICOLAU, F.C. e FERNANDES, GILDA, *Programa Correspo, Notas e Comunicações*, C. E. A. U. L., Lisboa, 1989.
- OCDE, *La Situation des Enseignants*, Paris, OCDE, Diffusion Restreinte, 1989.
- PINEL, D. et COHEN, PH., Culture des Profs: Modèle Éclaté, *Le Monde de L'Education*, sépt 1985, pp 14-31.
- POLAINO-LORENTE, A., El Estres de los Profesores : Estrategias Psicológicas de Intervención para su Manejo y Control, *Revista Española de Pedagogia*, año XL, n 157, 1982, pp 17-45.
- PRICK, LEO G., *Career Development and Satisfaction among Secondary school Teachers*, Amsterdam, V. Universiteit A., 1986.
- SEIDMAN, S.A. and ZAGER, J., The Teacher Burnout Scale, *Educational Research Quarterly*, v 11, n 1, 1986-1987, pp 26-33.
- SMILANSKY, J., External and Internal Correlates of Teacher's Satisfaction and Willingness to report Stress, *British Journal of Educational Psychology*, n 54, 1984, pp 84-92.
- UNESCO, Le Savoir n'a pas de Prix - Les Enseignants sont parmi les Salariés les moins bien Payés, *Le Courier de L'Unesco*, Paris, 1978, pp 24-27.
- VILA, J.V., *La Crisis de La Función Docente*, Valencia, Promolibro, 1988.



Anexo

---

## QUESTIONÁRIO DE OPINIÃO AOS PROFESSORES EFECTIVOS A SATISFAÇÃO/INSATISFAÇÃO DOCENTE

Caro colega:

Venho solicitar-lhe, encarecidamente, um favor, um gesto de co-  
operação: responder, de forma individual e completa, aos ítems do Questionário  
que, a seguir, se apresenta.

Trata-se de uma actividade ligada à elaboração da dissertação final  
do Curso de Mestrado em Ciências de Educação, área de Análise e Organização  
do Ensino, sob a dependência da Faculdade de Psicologia e de Ciências da  
Educação da Universidade de Lisboa.

O objectivo fundamental deste Questionário é recolher uma série de  
elementos que permitam traçar com rigor e seriedade um quadro, o mais  
aproximado possível, do sentimento de Satisfação/Insatisfação dos professores  
efectivos do ensino Secundário do Distrito de Bragança e de algumas variáveis  
que o possam influenciar.

O Questionário, anónimo, será tratado com o maior sigilo. Apenas  
serão referidos os resultados do Grupo de respondentes e não individuais.

Sem a colaboração e boa-vontade do colega, este trabalho não  
poderá ser feito.

Desde já, os meus melhores agradecimentos.

Francisco Cordeiro Alves.

## INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO

Compõe-se o presente Questionário de duas partes:

### I PARTE - DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS.

O seu preenchimento constitui uma cláusula importante para situar biográfica e profissionalmente a amostra de respondentes;

### II PARTE - ALGUMAS DIMENSÕES DA SATISFAÇÃO/INSATISFAÇÃO DOS PROFESSORES

A opinião expressa em cada um dos ítems desta II Parte pode ou não ser compartilhada por si, de forma absolutamente livre, consciente de que não há boa ou má resposta.

Para o preenchimento desta II PARTE do Questionário, leia cada ítem e assinale logo a seguir com **X** aquele dos cinco níveis da escala que mais se identifica com o seu ponto de vista. Assim, se a sua posição for:

|                               | 1   | 2 | 3        | 4 | 5   |
|-------------------------------|-----|---|----------|---|-----|
|                               | D A | D | nC<br>nD | C | C A |
| - "Discordo Absolutamente"    | X   |   |          |   |     |
| - "Discordo"                  |     | X |          |   |     |
| - "Nem concordo nem discordo" |     |   | X        |   |     |
| - "Concordo"                  |     |   |          | X |     |
| - "Concordo Absolutamente"    |     |   |          |   | X   |

NÃO ESQUEÇA que a resposta a este Questionário é, compreensivelmente, de carácter individual.

RESPONDA A TODOS OS ITENS.

Prazo de entrega no Conselho Directivo DA SUA ESCOLA:

27/Março/90

**QUESTIONÁRIO DE OPINIÃO AOS PROFESSORES EFECTIVOS**  
**A SATISFAÇÃO/INSATISFAÇÃO DOCENTE**

**I - PARTE - DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS**

1. ESCOLA A QUE PERTENCE: \_\_\_\_\_

2. ANOS DE IDADE: \_\_\_\_\_

3. SEXO: (assinale com um X) - MASCULINO  FEMININO

4. ESTADO: (assinale com X)

SOLTEIRO

CASADO 

|  |              |  |
|--|--------------|--|
|  | Nº de Filhos |  |
|--|--------------|--|

OUTROS 

|  |              |  |
|--|--------------|--|
|  | Nº de Filhos |  |
|--|--------------|--|

5. NÚMERO DE ANOS LECTIVOS COMO PROFESSOR: \_\_\_\_\_

6. ANOS DE EFECTIVIDADE DE NOMEAÇÃO DEFINITIVA: (assinale com um X)

1 - 5 ANOS

11 - 15 ANOS

6 - 10 ANOS

16 OU MAIS ANOS

7. GRUPO DISCIPLINAR: \_\_\_\_\_

8. PERCENTAGEM DE SUCESSO ESCOLAR NA PRINCIPAL DISCIPLINA,  
NO ANO LECTIVO DE 1988/89

(Complete:)

- Na melhor turma que leccionei o ano passado o sucesso escolar rondou os  %

- Na pior turma que leccionei o ano passado o sucesso escolar rondou os  %

- No ano passado, a percentagem média de sucesso de todas as minhas  
turmas rondou os .....  %

9. DURANTE OS 10 MESES DO ANO LECTIVO 88/89:

(Assinale com X)

9.1 - NUNCA FALTEI ÀS MINHAS AULAS

9.2 - POR MOTIVOS VÁRIOS TIVE DE FALTAR ALGUMAS VEZES:

|  | DIAS   |         |         |               |
|--|--------|---------|---------|---------------|
|  | 1 a 10 | 11 a 20 | 21 a 30 | 31 ou<br>MAIS |
| - Motivos pessoais/familiares              |        |         |         |               |
| - Doença                                   |        |         |         |               |
| - Participação em congressos, simpósios... |        |         |         |               |
| - Outros motivos                           |        |         |         |               |

**QUESTIONÁRIO DE OPINIÃO AOS PROFESSORES EFECTIVOS**  
**II - PARTE – ALGUMAS DIMENSÕES DA SATISFAÇÃO/INSATISFAÇÃO**

|   | 1<br>D A | 2<br>D | 3<br>nC<br>nD | 4<br>C | 5<br>C A |
|---|----------|--------|---------------|--------|----------|
| 1. As vantagens de ser professor são maiores que as desvantagens.   |          |        |               |        |          |
| 2. Os actuais currículos precisam de uma sensível remodelação.  |          |        |               |        |          |
| 3. A falta de um estatuto, claro e preciso, provoca forte insatisfação nos professores.   |          |        |               |        |          |
| 4. Os meus colegas estimulam-me a uma melhoria do meu trabalho.   |          |        |               |        |          |
| 5. A falta de apoio do ministério é uma fonte de desilusões para a minha carreira.  |          |        |               |        |          |
| 6. Nunca aconselharia alguém a tornar-se professor.   |          |        |               |        |          |
| 7. A minha escola não dispõe de autonomia suficiente para decidir sobre problemas que afectam os professores.                                   |          |        |               |        |          |
| 8. O ensino proporciona-me uma segurança financeira.  |          |        |               |        |          |
| 9. Qualquer professor na minha escola pode contar com o apoio do Conselho Directivo.  |          |        |               |        |          |
| 10. Verifica-se hoje uma degradação social da imagem do professor.  |          |        |               |        |          |
| 11. As condições de trabalho na minha escola não podem ser piores.  |          |        |               |        |          |
| 12. Comparada com outras profissões, a de professor oferece um maior grau de satisfação.  |          |        |               |        |          |
| 13. Habitualmente não gosto de trabalhar em equipe com colegas.   |          |        |               |        |          |
| 14. O trabalho de preparação e avaliação, a fazer em casa, não deixa ao professor o tempo necessário para se dedicar à família ou a si próprio. |          |        |               |        |          |
| 15. A situação económica da profissão origina um grave descontentamento nos professores.  |          |        |               |        |          |
| 16. Ao enfrentar os alunos, durante a aula, os professores sentem-se, frequentemente, sob grande tensão.  |          |        |               |        |          |

|  | 1  | 2 | 3        | 4 | 5  |
|--|----|---|----------|---|----|
|  | DA | D | nC<br>nD | C | CA |
| 17. Sem frequentes oportunidades de promoção na carreira, os Profs. não se sentirão estimulados no seu trabalho.                     |    |   |          |   |    |
| 18. O vencimento do professor não corresponde ao trabalho que realiza.   |    |   |          |   |    |
| 19. O mau relacionamento com os colegas é uma das principais razões da falta de motivação dos professores.                           |    |   |          |   |    |
| 20. Torna-se necessária uma autonomia da escola a caminhar prudentemente para a descentralização educativa.                          |    |   |          |   |    |
| 21. O insucesso dos alunos da minha escola provoca um visível abalo no ânimo e optimismo dos professores.                            |    |   |          |   |    |
| 22. Há necessidade de seleccionar profissionais vocacionados para o ensino.  |    |   |          |   |    |
| 23. Na minha escola, o comportamento dos alunos ronda, frequentemente, a má educação.  |    |   |          |   |    |
| 24. Sinto necessidade de apoio do Conselho Directivo na minha actividade pedagógica.   |    |   |          |   |    |
| 25. São precisas boas condições de trabalho na escola para o professor render profissionalmente.                                     |    |   |          |   |    |
| 26. É difícil encontrar satisfação na minha profissão de professor.  |    |   |          |   |    |
| 27. Há necessidade de formação através de cursos científico-pedagógicos realizados nas próprias escolas.                             |    |   |          |   |    |
| 28. Comparados com categorias profissionais do mesmo nível académico, os professores são socialmente situados numa posição inferior. |    |   |          |   |    |
| 29. O vencimento do professor é apenas suficiente para sobreviver.   |    |   |          |   |    |
| 30. Sinto-me feliz por ter uma profissão aliciante.  |    |   |          |   |    |
| 31. Os professores necessitam de formação contínua para não correrem o risco de se sentirem ultrapassados.                           |    |   |          |   |    |
| 32. Se tivesse que começar de novo, jamais me tornaria professor.  |    |   |          |   |    |

|   | 1<br>D A | 2<br>D | 3<br>nC<br>nD | 4<br>C | 5<br>C A |
|---|----------|--------|---------------|--------|----------|
| 33. Os colegas com quem trabalho constituem um motivo de satisfação profissional.                             |          |        |               |        |          |
| 34. Se o ensino fosse melhor remunerado, acabava a insatisfação profissional.                                 |          |        |               |        |          |
| 35. A estruturação de horários não permite o desejável relacionamento pedagógico entre os colegas.            |          |        |               |        |          |
| 36. O problema das colocações origina grande descontentamento nos professores.                                |          |        |               |        |          |
| 37. Por vezes lamento ter-me tornado professor.   |          |        |               |        |          |
| 38. O professor precisa de um estatuto para saber quem é e com o que pode contar.                             |          |        |               |        |          |
| 39. Na minha escola, o Conselho Directivo e os professores têm um agradável relacionamento.                   |          |        |               |        |          |
| 40. Comparada com outras profissões em geral, a profissão docente é mal paga.                                 |          |        |               |        |          |
| 41. Gosto de ser professor por uma questão de afirmação social proporcionada pela profissão.                  |          |        |               |        |          |
| 42. O relacionamento entre os professores e alunos da minha escola é mais gratificante do que desmotivador.   |          |        |               |        |          |
| 43. O professor precisa do apoio do Conselho Directivo para um eficaz exercício das suas funções pedagógicas. |          |        |               |        |          |
| 44. Razões de "stress" e fadiga têm-me levado a faltar algumas vezes às aulas.                                |          |        |               |        |          |
| 45. Sinto-me realizado em termos de profissão que escolhi.  |          |        |               |        |          |
| 46. Quando dá com turmas que conseguem bons resultados, o professor obtém grande satisfação.                  |          |        |               |        |          |
| 47. Se eu tivesse outra oportunidade, abandonava o ensino já.   |          |        |               |        |          |

Conclusão do Preenchimento - Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Não esqueça: a ENTREGA NO CONSELHO DIRECTIVO DA SUA ESCOLA é feita até ao dia 27 de Março/90, impreterivelmente.

OBRIGADO PELA AMABILIDADE E COLABORAÇÃO



## Títulos publicados:

**A agricultura nos distritos de Bragança e Vila Real**

Francisco José Terroso Cepeda – 1985

**Política económica francesa**

Francisco José Terroso Cepeda – 1985

**A educação e o ensino no 1º quartel do século XX**

José Rodrigues Monteiro e Maria Helena Lopes Fernandes – 1985

**Trás-os-Montes nos finais do século XVIII:****alguns aspectos económico-sociais**

José Manuel Amado Mendes – 1985

**O pensamento económico de Lord Keynes**

Francisco José Terroso Cepeda – 1986

**O conceito de educação na obra do Abade de Baçal**

José Rodrigues Monteiro – 1986

**Temas diversos – economia e desenvolvimento regional**

Joaquim Lima Pereira – 1987

**Estudo de melhoramento do prado de aveia**

Tjarda de Koe – 1988

**Flora e vegetação da bacia superior do rio Sabor  
no Parque Natural de Montesinho**

Tjarda de Koe – 1988

**Estudo do apuramento e enriquecimento  
de um pré-concentrado de estanho tungsténio**

Arnaldo Manuel da Silva Lopes dos Santos – 1988

**Sondas de neutrões e de raios Gama**

Tomás d'Aquino Freitas Rosa de Figueiredo – 1988

**A descontinuidade entre a escrita e a oralidade na aprendizagem**

Raul Iturra – 1989

**Absorção química em borbulhadores gás-líquido**

João Alberto Sobrinho Teixeira – 1990

**Financiamento do ensino superior no Brasil  
– Reflexões sobre fontes alternativas de recursos**

Victor Meyer Jr. – 1991

**Liberalidade régia em Portugal nos finais da idade média**

Vitor Fernando Silva Simões Alves – 1991

**Educação e loucura**

José Manuel Rodrigues Alves – 1991

**Emigrantes regressados e desenvolvimento no Nordeste Interior Português**

Francisco José Terroso Cepeda – 1991

**Dispersão em escoamento gás-líquido**

João Alberto Sobrinho Teixeira – 1991

**O regime térmico de um luvissole na Quinta de Santa Apolónia**

Tomás d'Aquino F. R. de Figueiredo - 1993

**Conferências em nutrição animal**

Carlos Alberto Sequeira - 1993

**Bref aperçu de l'histoire de France**

– des origines à la fin du 1er empire

João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1994

**Preparação, realização e análise / avaliação****do ensino em Educação Física no Primeiro Ciclo do Ensino Básico**

João do Nascimento Quina – 1994

**A pragmática narrativa e o confronto de estéticas em *Contos de Eça de Queirós***

Henriqueta Maria de Almeida Gonçalves – 1994

**“Jesus” de Miguel Torga: análise e proposta didáctica**

Maria da Assunção Fernandes Morais Monteiro – 1994

**Caracterização e classificação etnológica dos ovinos churros portugueses**

Alfredo Jorge Costa Teixeira – 1994

**Hidrogeologia de dois importantes aquíferos (Cova de Lua, Sabariz) do maciço polimetamórfico de Bragança**

Luís Filipe Pires Fernandes – 1994

**Micorrização in vitro de plantas micropropagadas de castanheiro (*Castanea sativa* Mill)**

Anabela Martins – 1994

**Emigração portuguesa: um fenómeno estrutural**

Francisco José Terroso Cepeda – 1994

**Lameiros de Trás-os-Montes: perspectivas de futuro para estas pastagens de montanha**

Jaime Maldonado Pires; Pedro Aguiar Pinto; Nuno Tavares Moreira – 1994

## A publicar brevemente:

**O subsistema pecuário de bovinicultura na área  
do Parque Natural de Montesinho**

Jaime Maldonado Pires; Nuno Tavares Moreira

**A terra e a mudança – reprodução social e  
património fundiário na Terra Fria Transmontana**

Orlando Afonso Rodrigues

**Desenvolvimento motor: indicadores bioculturais e somáticos  
do rendimento motor de crianças de 5/6 anos**

Vítor Pires Lopes

**Estudo da influência do conhecimento prévio de alunos  
portugueses na compreensão de um texto em língua inglesa**

Francisco Mário da Rocha

**The use of role play in foreign language teaching**

Francisco Mário da Rocha

**A formação de professores para o ensino primário  
no distrito de Bragança**

Francisco Mário da Rocha

**La crise de Mai 68 en France**

João Sérgio de Pina Carvalho Sousa

**Linguagem, psicanálise e educação: uma perspectiva  
à luz da teoria lacaniana**

José Manuel Rodrigues Alves

**Enclaves de clima Cfs no Alto Portugal – a difusa transição  
entre a Ibéria Húmida e a Ibéria Seca**

Ário Lobo Azevedo; Dionísio Afonso Gonçalves;

Rui Manuel Almeida Machado

**Contributos para um estudo das funções  
da tecnologia vídeo no ensino**

Francisco Cordeiro Alves

**Sistemas agrários e melhoramento dos bovinos de raça Mirandesa**

Fernando de Sousa

**Desenvolvimento agrário na Terra Fria  
– condicionantes e perspectivas**

Duarte Rodrigues Pires